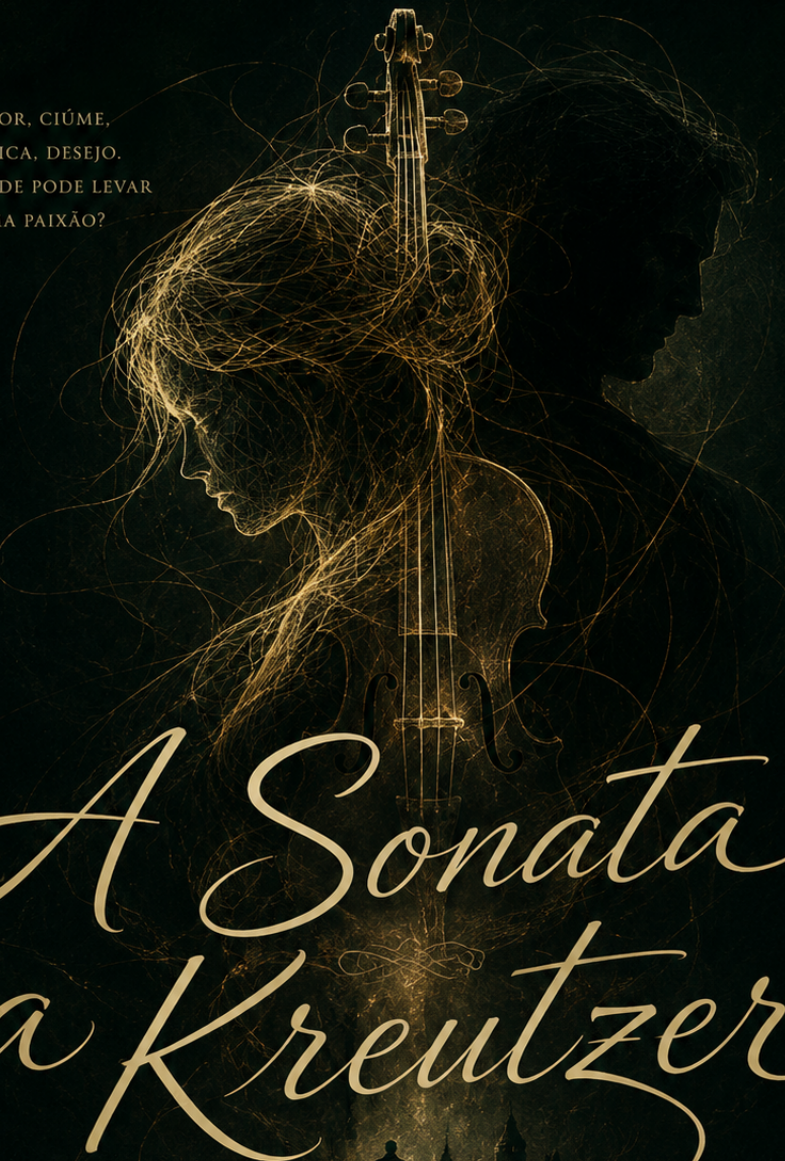


AMOR, CIÚME,
MÚSICA, DESEJO.
ATÉ ONDE PODE LEVAR
UMA PAIXÃO?

A violin is the central element, with a woman's face superimposed on its body and a man's silhouette on its neck. The entire image is composed of intricate, glowing golden lines on a dark background.

A Sonata a Kreutzer

LIEV TOLSTÓI

A Sonata a Kreutzer



Liev Tolstói

Baixe Livros

A Sonata a Kreutzer

Liev Tolstói



Novela

*Edição em português,
com notas do tradutor*

Tradução e notas: Elder Franca

Organização: Baixe Livros

Ficha técnica



Título: A Sonata a Kreutzer

Autor: Liev Tolstói (1828–1910)

Publicação original: 1889

Base da tradução: edição inglesa de Benjamin Tucker (1890)

Tradução e notas: Elder Franca

Organização: Baixe Livros — 2026

Disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão.

Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do tradutor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em: www.baixelivros.com.br

Sumário



Introdução crítica	1
Prefácio do tradutor	7
A Sonata a Kreutzer	12
Notas do tradutor	229

Introdução crítica



A *Sonata a Kreutzer* apareceu em 1889 e foi imediatamente proibida pela censura imperial russa, circulando primeiro em cópias clandestinas antes de ser finalmente autorizada — por intervenção pessoal do czar — apenas como parte das obras completas do autor. O escândalo não era gratuito. Tolstói havia escrito não apenas uma novela, mas um libelo: sob a forma de uma confissão ferida, feita num vagão de trem por um homem que matara a esposa, o autor expõe as teses radicais de sua última fase sobre o casamento, o desejo e a castidade.

Convém ao leitor moderno separar duas coisas que a força do texto tende a fundir. Uma é o retrato — e como retrato a novela é extraordinária. A dissecação do ciúme, da mentira conjugal, do modo como dois seres podem se tornar "dois forçados acorrentados à mesma bola", a lucidez cruel com que Pózdnichev reconstrói a própria degradação: tudo isso é observação psicológica de primeira ordem, e nenhuma tese o diminui. Tolstói viu, como poucos, o que o egoísmo faz de duas pessoas que juraram amar-se sem saber o que prometiam.

A outra coisa é a doutrina que o narrador extrai desse retrato — e que o próprio Tolstói, fora da ficção, viria a assumir em nome próprio. Aqui o leitor atento perceberá que a agudeza do

diagnóstico não garante a verdade do remédio. Pózdnichev raciocina de um modo que merece exame, porque seus erros não são grosseiros: são erros de homem inteligente que generaliza a partir da própria ferida.

Vale apontá-los, à luz da simples razão, sem que se precise de nenhuma autoridade além dela.

Primeiro: o narrador conclui, do fato de ter conhecido apenas o desejo desregrado, que todo desejo é desregramento. É o raciocínio de quem, tendo bebido sempre até a embriaguez, decreta que beber é embriagar-se. Mas o abuso de uma coisa nada prova contra o seu uso reto. Uma inclinação que a natureza claramente ordena a um fim bom — aqui, a união dos esposos e a

geração dos filhos — é, enquanto tal, um bem; o que a perverte é a desordem, não a inclinação. Pózdnichev viu com precisão a desordem em si mesmo e, por não ter conhecido outra coisa, tomou-a pela essência do próprio ato. Confundiu a doença com o órgão são.

Segundo: levada ao fim, a tese exige que o ideal da humanidade seja sua própria extinção — se a castidade completa é o bem supremo e todos a alcançassem, a espécie acabaria. O próprio narrador chega à beira dessa conclusão e não recua diante dela. Ora, um ideal que, plenamente realizado, aniquilaria aquele que o realiza destrói-se a si mesmo como ideal. A razão reconhece aqui um sinal seguro de que uma premissa se torceu no caminho:

aquilo que se ordena ao nada não pode ser o fim próprio de um ser vivo, porque todo ser tende naturalmente a ser, não a deixar de ser.

Terceiro: há em toda a novela uma redução do amor à sua face sensível. Pózdnichev, ferido, já não consegue ver na atração entre um homem e uma mulher senão o apetite disfarçado de poesia. E, no entanto, o próprio texto trai a insuficiência dessa visão: quando o narrador, ao ver a esposa moribunda, "pela primeira vez esqueceu-se de si mesmo" e nela reconheceu "um ser humano, uma irmã", o que desperta não é o apetite — é justamente aquela dimensão racional e voluntária do amor que ele negara existir. O homem difere do animal precisamente por poder amar com a

vontade, e não só com os sentidos; a tragédia de Pózdnichev é que ele descobriu isso tarde demais, sobre um corpo que ele mesmo tornara imóvel e frio. O texto sabe mais do que a tese que defende.

Nada disso diminui a novela — ao contrário. Uma obra que erra com esta grandeza ensina mais do que muitas que acertam por timidez. O leitor fará bem em deixar-se abalar pelo retrato e, ao mesmo tempo, em manter a cabeça fria diante da doutrina, lembrando que a mesma razão que reconhece a verdade do diagnóstico é a que percebe onde o remédio falha.

Segue a novela. As notas do tradutor, ao final, esclarecem termos russos, referências bíblicas e alusões históricas.

Prefácio do tradutor



Nota: o prefácio abaixo é de Benjamin Tucker, tradutor da edição inglesa de 1890, sobre a qual se baseia esta versão em português. Reproduz-se aqui por seu valor histórico, embora suas apreciações — sobretudo as elogiosas às "ideias comunistas" de Tolstói em "João, o Bobo" — sejam do próprio Tucker, e não do presente tradutor.

Ao comparar com o original russo algumas traduções inglesas das obras do Conde Tolstói, publicadas tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, concluí que estavam longe de ser fiéis. A maioria delas era retradução do francês, e percebi que as sucessivas passagens por

que haviam sido submetidas tendiam a apagar muitas das belezas da língua russa e das características peculiares da vida russa. Uma tradução satisfatória só pode ser feita por quem compreende a língua e o espírito do povo russo. Como os escritos de Tolstói contêm tantos idiomatismos, não é tarefa fácil vertê-los para um inglês inteligível, e quem o consiga com êxito há de ser um nativo da Rússia, senhor das línguas inglesa e russa com igual fluência.

A história de "João, o Bobo" retrata as ideias comunistas de Tolstói, que envolvem a abolição das forças militares, dos intermediários, do despotismo e do dinheiro. Em lugar disso, ele estabeleceria sobre a terra um reino em que toda e cada pessoa se tornaria um

trabalhador e um produtor. O autor descreve as diversas lutas por que passam três irmãos, assediados por demônios grandes e pequenos, até alcançarem o estado ideal de existência que ele acredita ser o único verdadeiramente feliz que se pode atingir neste mundo.

Ao ler essa pequena história, surpreende que o censor russo a tenha deixado passar, pois é dedicada à exposição de ideias bastante em desacordo com a política vigente do governo daquele país.

"Uma Oportunidade Perdida" é um quadro singularmente fiel da vida camponesa, que revela um estudo profundo do tema por parte do escritor. Tolstói desenhou muitos dos costumes

peculiares do camponês russo de maneira magistral, e duvido que tenha oferecido, em qualquer de suas outras obras, uma descrição mais abrangente desse aspecto da vida russa. Também nesta história ele apresentou muitos traços comuns à natureza humana em toda parte, e isso acrescenta interesse ao livro. A linguagem é simples e pitoresca, e as personagens são traçadas com notável fidelidade à natureza. A moral do conto mostra como o herói, Ivan, poderia ter evitado as terríveis consequências de uma disputa com o vizinho (que nasceu do nada) se tivesse vivido de acordo com o preceito das Escrituras: perdoar os pecados do irmão e não buscar vingança.

A história de "Polikúchka" é uma descrição muito vívida da vida levada por

um servo da casa senhorial de certo nobre, na qual o autor retrata as condições e o ambiente de que gozavam esses criados, distintos dos camponeses comuns. É uma reprodução verdadeira e poderosa de um elemento da vida russa até então pouco tratado. Como as demais histórias deste grande escritor, "Polikúchka" traz uma moral a que todos nós faríamos bem em atentar. Ele ilustra as terríveis consequências da intemperança e conclui que só o tratamento bondoso pode reformar as vítimas do álcool.

Pela valiosa ajuda no trabalho destas traduções, sou profundamente grato à sólida erudição inglesa de minha dedicada esposa.

A SONATA A KREUTZER



Liev Tolstói

Capítulo I

Viajantes deixavam o vagão e nele entravam a cada parada do trem. Três pessoas, porém, permaneciam, com destino, como eu, à estação mais distante: uma senhora nem jovem nem bonita, que fumava cigarros, de rosto magro, com um gorro na cabeça e vestindo uma sobrecasaca de corte um tanto masculino; depois seu companheiro, um cavalheiro muito loquaz de uns quarenta anos, com bagagem inteiramente nova e arrumada com esmero; e, por fim, um cavalheiro que se mantinha completamente à parte,

de baixa estatura, muito nervoso, de idade incerta, com olhos brilhantes, de cor indefinida, mas extremamente atraentes — olhos que saltavam com rapidez de um objeto a outro.

Esse cavalheiro, durante quase toda a viagem até ali, não travara conversa com nenhum companheiro de viagem, como se evitasse cuidadosamente toda espécie de convívio. Quando lhe dirigiam a palavra, respondia de modo seco e cortante, e punha-se a olhar pela janela com obstinação.

E, no entanto, parecia-me que a solidão o pesava. Parecia perceber que eu compreendia isso, e, quando nossos olhos se encontravam — o que acontecia com frequência, pois estávamos sentados quase um em frente ao outro —, ele

desviava a cabeça e evitava conversar comigo tanto quanto com os demais. Ao cair da noite, durante uma parada numa grande estação, o cavalheiro da bela bagagem — um advogado, como soube depois — desceu com sua companheira para tomar chá no restaurante. Durante a ausência deles, vários viajantes novos entraram no vagão, entre os quais um velho alto, barbeado e enrugado, evidentemente um comerciante, que vestia um amplo casaco pesadamente forrado e um grande gorro. Esse comerciante sentou-se em frente aos lugares vazios do advogado e de sua companheira, e logo travou conversa com um rapaz que parecia empregado de alguma casa comercial e que igualmente acabara de subir ao trem. A princípio o

funcionário observara que o lugar em frente estava ocupado, e o velho respondera que desceria na primeira estação. Assim começou a conversa deles.

Eu estava sentado não muito longe desses dois viajantes e, como o trem não estava em movimento, podia captar fragmentos de sua conversa quando os outros não falavam.

Falaram primeiro dos preços das mercadorias e da situação dos negócios; referiram-se a uma pessoa que ambos conheciam; depois mergulharam na feira de Nijni Nôvgorod. O funcionário gabou-se de conhecer gente que levava vida alegre por lá, mas o velho não o deixou continuar e, interrompendo-o, pôs-se a descrever as festividades do ano anterior

em Kunávino, das quais participara. Estava evidentemente orgulhoso dessas recordações e, provavelmente pensando que isso em nada abalaria a gravidade que seu rosto e seus modos exprimiam, contou com orgulho como, embriagado, disparara em Kunávino tamanha descarga que só podia descrevê-la ao ouvido do outro.

O funcionário começou a rir ruidosamente. O velho riu também, mostrando dois longos dentes amarelos. A conversa não me interessando, deixei o vagão para esticar as pernas. À porta, encontrei o advogado e sua dama.

— O senhor já não tem tempo — disse-me o advogado. — O segundo sino está prestes a tocar.

De fato, mal alcancei a traseira do trem, e o sino soou. Quando entrei de novo no vagão, o advogado conversava com sua companheira de maneira animada. O comerciante, sentado em frente a eles, mantinha-se calado.

— E então ela declarou abertamente ao marido — dizia o advogado com um sorriso, quando passei por eles — que não podia nem queria viver com ele, porque...

E continuou, mas não ouvi o resto da frase, distraído pela passagem do condutor e de um novo viajante. Quando o silêncio se restabeleceu, ouvi de novo a voz do advogado. A conversa passara de um caso particular a considerações gerais.

— E depois vêm a discórdia, as dificuldades financeiras, as disputas

entre as duas partes, e o casal se separa. Nos bons tempos de antigamente isso raramente acontecia. Não é assim? — perguntou o advogado aos dois comerciantes, tentando evidentemente arrastá-los à conversa.

Nesse momento o trem partiu, e o velho, sem responder, tirou o gorro e persignou-se três vezes murmurando uma oração. Quando terminou, enterrou o gorro bem fundo na cabeça e disse:

— Sim, senhor, isso acontecia também em tempos passados, mas não com tanta frequência. Nos dias de hoje é inevitável que aconteça mais amiúde. As pessoas ficaram instruídas demais.

O advogado respondeu algo ao velho, mas o trem, aumentando cada vez mais a velocidade, fazia tamanho estardalhaço

sobre os trilhos que já não pude ouvir com clareza. Como me interessava o que o velho dizia, aproximei-me. Meu vizinho, o cavalheiro nervoso, estava evidentemente interessado também e, sem mudar de lugar, prestava atenção.

— Mas que mal há na educação? — perguntou a senhora, com um sorriso quase imperceptível. — Seria melhor casar como antigamente, quando a noiva e o noivo nem sequer se viam antes do casamento? — continuou ela, respondendo, como é hábito de nossas damas, não às palavras que seu interlocutor dissera, mas às palavras que ela acreditava que ele iria dizer. — As mulheres não sabiam se amariam ou se seriam amadas, e casavam com o primeiro que aparecia, e sofriam a vida

inteira. Então o senhor acha que era melhor assim? — prosseguiu ela, dirigindo-se evidentemente ao advogado e a mim, e de modo algum ao velho.

— As pessoas ficaram instruídas demais — repetiu este, olhando para a senhora com desprezo e deixando sua pergunta sem resposta.

— Eu teria curiosidade de saber como o senhor explica a correlação entre a educação e os desacordos conjugais — disse o advogado, com um leve sorriso.

O comerciante quis responder algo, mas a senhora o interrompeu.

— Não, esses tempos já passaram.

O advogado cortou-lhe as palavras:

— Deixe-o exprimir seu pensamento.

— Porque já não há temor — respondeu o velho.

— Mas como se hão de casar pessoas que não se amam? Só os animais podem ser acasalados à vontade de um dono. Mas as pessoas têm inclinações, afeições — apressou-se a dizer a senhora, lançando um olhar ao advogado, a mim, e até ao funcionário, que, de pé, apoiando o cotovelo no encosto de um banco, ouvia a conversa com um sorriso.

— A senhora faz mal em dizer isso — respondeu o velho. — Os animais são bestas, mas o homem recebeu a lei.

— Mas, apesar de tudo, como se há de viver com um homem quando não há amor? — disse a senhora, evidentemente excitada pela simpatia e pela atenção gerais.

— Antigamente não se faziam tais distinções — disse o velho, com gravidade. — Só agora é que passaram a fazer parte de nossos costumes. Assim que a menor coisa acontece, a esposa diz: "Eu o dispenso. Vou deixar sua casa." Mesmo entre os mujiques essa moda se aclimatou. "Aqui", diz ela, "estão suas camisas e suas ceroulas. Vou-me embora com o Vânka. O cabelo dele é mais cacheado que o seu." Vá lá conversar com elas. E, no entanto, a primeira regra para a esposa deveria ser o temor.

O funcionário olhou para o advogado, a senhora e para mim, evidentemente reprimindo um sorriso, pronto a escarnecer ou aprovar as palavras do comerciante, conforme a atitude dos outros.

— Que temor? — disse a senhora.

— Este temor: a esposa deve temer o marido; eis o temor.

— Ah, isso, meu paizinho, isso acabou.

— Não, senhora, isso não pode acabar. Assim como ela, Eva, a mulher, foi tirada das costelas do homem, assim permanecerá até o fim do mundo — disse o velho, sacudindo a cabeça de modo tão triunfante e tão severo que o funcionário, decidindo que a vitória estava do lado dele, caiu numa sonora gargalhada.

— Sim, vocês, homens, é que pensam assim — respondeu a senhora, sem se render, voltando-se para nós. — Deram liberdade a si mesmos. Quanto à mulher, querem mantê-la no serralho. Para vocês, tudo é permitido. Não é assim?

— Ah, o homem... isso é outra questão.

— Então, segundo o senhor, ao homem tudo é permitido?

— Ninguém lhe dá essa permissão; só que, se o homem se comporta mal fora de casa, a família não aumenta por causa disso; mas a mulher, a esposa, é um vaso frágil — continuou o comerciante, com severidade.

Seu tom de autoridade evidentemente subjugava os ouvintes. Até a senhora se sentiu esmagada, mas não se rendeu.

— Sim, mas o senhor há de admitir, creio eu, que a mulher é um ser humano e tem sentimentos como o marido. Que deve ela fazer se não ama o marido?

— Se não o ama! — repetiu o velho, tempestuoso, franzindo o cenho. — Ora, hão de fazê-la amar.

Esse argumento inesperado agradou ao funcionário, que soltou um murmúrio de aprovação.

— Ah, não, não hão de forçá-la — disse a senhora. — Onde não há amor, ninguém pode ser obrigado a amar contra a própria vontade.

— E se a esposa engana o marido, que se há de fazer? — disse o advogado.

— Isso não deve acontecer — disse o velho. — Ele deve ter olhos atentos.

— E se acontece, mesmo assim? O senhor há de admitir que acontece.

— Acontece entre as classes altas, não entre nós — respondeu o velho. — E se aparece algum marido tão tolo a ponto de não governar a esposa, ele não a terá roubado. Mas nada de escândalo, ainda assim. Amem-se ou não, mas não

perturbem o lar. Todo marido pode governar a esposa. Tem o poder necessário. Só o imbecil é que não consegue.

Todos ficaram em silêncio. O funcionário mexeu-se, avançou e, não querendo ficar atrás dos outros na conversa, começou com seu eterno sorriso:

— Sim, na casa do nosso patrão houve um escândalo, e é muito difícil ver o assunto com clareza. A esposa gostava de se divertir e começou a se desencaminhar. Ele é um homem capaz e sério. Primeiro foi com o guarda-livros. O marido tentou trazê-la à razão pela bondade. Ela não mudou de conduta. Lançou-se em toda espécie de baixezas. Começou a lhe roubar dinheiro. Ele a

espancou, mas ela piorava cada vez mais. A um não batizado, a um pagão, a um judeu (com licença), foi ela sucessivamente oferecer suas carícias. Que podia o patrão fazer? Largou-a de vez, e agora vive como solteiro. Quanto a ela, arrasta-se pela lama.

— Ele é um imbecil — disse o velho. — Se desde o início não a tivesse deixado agir a seu modo, e a tivesse mantido com mão firme, ela estaria vivendo honestamente, sem perigo algum. A liberdade deve ser tirada desde o começo. Não confie em seu cavalo na estrada. Não confie em sua esposa em casa.

Nesse momento o condutor passou, pedindo os bilhetes para a próxima estação. O velho entregou o seu.

— Sim, o sexo feminino deve ser dominado a tempo, senão tudo se perde.

— E os senhores mesmos, em Kunávino, não levaram vida alegre com as moças bonitas? — perguntou o advogado com um sorriso.

— Ah, isso é outra coisa — disse o comerciante, com severidade. — Adeus — acrescentou, erguendo-se. Enrolou-se no casaco, ergueu o gorro e, pegando sua sacola, deixou o vagão.

Capítulo II

Mal o velho saíra, começou uma conversa geral.

— Aí está um paizinho do Antigo Testamento para vocês — disse o funcionário.

— É um Domostrói¹ — disse a senhora.
— Que ideias selvagens sobre a mulher e o casamento!

— Sim, meus senhores — disse o advogado —, ainda estamos muito longe das ideias europeias sobre o casamento. Primeiro, os direitos da mulher; depois, o casamento livre; depois, o divórcio, como questão ainda não resolvida...

— O essencial, e o que pessoas como ele não compreendem — retomou a senhora —, é que só o amor consagra o casamento, e que o verdadeiro casamento é aquele que o amor consagra.

O funcionário escutava e sorria, com o ar de quem está acostumado a guardar na memória toda conversa inteligente que ouve, a fim de usá-la depois.

— Mas o que é esse amor que consagra o casamento? — disse de repente a voz do cavalheiro nervoso e taciturno, que, sem que o notássemos, se aproximara.

Estava de pé, com a mão apoiada no banco, e evidentemente agitado. O rosto vermelho, uma veia saltada na testa, os músculos das faces tremendo.

— O que é esse amor que consagra o casamento? — repetiu ele.

— Que amor? — disse a senhora. — O amor comum de marido e mulher.

— E como, então, pode o amor comum consagrar o casamento? — continuou o cavalheiro nervoso, ainda exaltado e com ar de desagrado. Parecia querer dizer algo desagradável à senhora. Ela o sentiu e começou a se agitar.

— Como? Ora, muito simplesmente — disse ela.

O cavalheiro nervoso agarrou a palavra assim que ela lhe saiu dos lábios.

— Não, não é simples.

— A senhora diz — interveio o advogado, indicando sua companheira — que o casamento deve ser, antes de tudo, o resultado de uma afeição, de um amor, se quiser, e que, quando o amor existe, e só nesse caso, o casamento representa

algo sagrado. Mas todo casamento que não se baseia numa afeição natural, no amor, nada tem de moralmente obrigatório. Não é essa a ideia que a senhora pretendia transmitir? — perguntou ele à senhora.

A senhora, com um aceno de cabeça, exprimiu sua aprovação a essa tradução de seus pensamentos.

— Então... — recomeçou o advogado, prosseguindo em suas observações.

Mas o cavalheiro nervoso, evidentemente mal se contendo, sem deixar o advogado terminar, perguntou:

— Sim, senhor. Mas o que devemos entender por esse amor que só ele consagra o casamento?

— Todo mundo sabe o que é o amor — disse a senhora.

— Mas eu não sei, e gostaria de saber como a senhora o define.

— Como? É muito simples — disse a senhora.

E pareceu pensativa; depois disse:

— O amor... o amor... é a preferência por um homem ou uma mulher, com exclusão de todos os outros...

— Uma preferência por quanto tempo? Por um mês, dois dias, meia hora? — disse o cavalheiro nervoso, com irritação especial.

— Não, permita-me; o senhor evidentemente não está falando da mesma coisa.

— Sim, estou falando exatamente da mesma coisa. Da preferência por um homem ou uma mulher com exclusão de

todos os outros. Mas eu pergunto: uma preferência por quanto tempo?

— Por quanto tempo? Por muito tempo, às vezes por toda a vida.

— Mas isso só acontece nos romances. Na vida, nunca. Na vida, essa preferência por um só, com exclusão de todos os outros, dura, em casos raros, alguns anos; mais amiúde alguns meses, ou mesmo semanas, dias, horas...

— Ah, senhor. Ah, não, não, permita-me — dissemos os três ao mesmo tempo.

O próprio funcionário soltou um monossílabo de desaprovação.

— Sim, eu sei — disse ele, gritando mais alto do que todos nós. — Os senhores estão falando do que se acredita existir, e eu estou falando do que existe. Todo homem sente o que os senhores chamam

de amor por cada mulher bonita que vê, e muito pouco pela própria esposa. É daí que vem o provérbio — e é verdadeiro: "A mulher do outro é um cisne branco, e a nossa é amargo absinto."

— Ah, mas o que o senhor diz é terrível! Existe, sem dúvida, entre os seres humanos, esse sentimento que se chama amor, e que dura não meses ou anos, mas a vida inteira.

— Não, isso não existe. Ainda que se admitisse que Menelau tivesse preferido Helena a vida toda, Helena teria preferido Páris; e assim foi, é e será eternamente. E não pode ser de outro modo, tal como não pode acontecer que, numa carga de grão-de-bico, duas ervilhas marcadas com um sinal especial caiam lado a lado. Além disso, isto não é apenas uma

improbabilidade: é certo que um sentimento de saciedade virá a Helena ou a Menelau. Toda a diferença está em que a um vem mais cedo, ao outro mais tarde. É só nos romances tolos que se escreve que "eles se amaram a vida inteira". E só as crianças podem acreditar nisso. Falar em amar um homem ou uma mulher a vida toda é como dizer que uma vela pode arder para sempre.

— Mas o senhor está falando do amor físico. Não admite um amor fundado numa conformidade de ideais, numa afinidade espiritual?

— Por que não? Mas, nesse caso, não é preciso procriar juntos (perdoe minha brutalidade). O fato é que essa conformidade de ideais não se encontra entre pessoas velhas, mas entre gente

jovem e bonita — disse ele, e começou a rir de modo desagradável.

— Sim, afirmo que o amor, o amor verdadeiro, não consagra o casamento, como temos o hábito de acreditar, mas, ao contrário, o arruína.

— Permita-me — disse o advogado. — Os fatos contradizem suas palavras. Vemos que o casamento existe, que toda a humanidade — ao menos a maior parte — vive conjugalmente, e que muitos maridos e esposas terminam honestamente uma longa vida juntos.

O cavalheiro nervoso sorriu com malícia.

— E daí? Os senhores dizem que o casamento se baseia no amor, e, quando dou voz a uma dúvida quanto à existência de qualquer outro amor além do sensual,

provam-me a existência do amor pelo casamento. Mas, em nossos dias, o casamento é apenas violência e falsidade.

— Não, perdão — disse o advogado. — Digo apenas que os casamentos existiram e existem.

— Mas como e por que existem? Existiram, e existem, para pessoas que viram, e veem, no casamento algo sacramental, um sacramento que obriga diante de Deus. Para essas pessoas os casamentos existem; mas, para nós, são apenas hipocrisia e violência. Nós o sentimos e, para nos justificarmos, pregamos o amor livre; mas, na verdade, pregar o amor livre é apenas um chamado de volta à promiscuidade dos sexos (perdão, disse ele à senhora), ao pecado ao acaso de certos *raskólniki*². O velho

alicerce está despedaçado; precisamos construir um novo, mas não devemos pregar a devassidão.

Ele se acalorou tanto que todos se calaram, olhando-o com espanto.

— E, no entanto, o estado de transição é terrível. As pessoas sentem que o pecado ao acaso é inadmissível. É preciso, de um modo ou de outro, regular as relações sexuais; mas não existe outro alicerce além do antigo, no qual ninguém mais acredita. As pessoas se casam à moda antiga, sem acreditar no que fazem, e o resultado é a falsidade, a violência. Quando é só a falsidade, suporta-se facilmente. Marido e mulher simplesmente enganam o mundo professando viver monogamicamente. Se, na verdade, são polígamos e

poliândricos, é mau, mas aceitável. Mas quando, como acontece com frequência, o marido e a mulher assumiram o compromisso de viver juntos a vida inteira (eles próprios não sabem por quê), e já a partir do segundo mês têm o desejo de se separar, e continuam a viver juntos assim mesmo, então vem aquela existência infernal em que recorrem à bebida, em que disparam revólveres, em que se assassinam, em que se envenenam.

Todos se calaram, mas nos sentíamos pouco à vontade.

— Sim, esses episódios críticos acontecem na vida conjugal. Por exemplo, há o caso Pózdnichev — disse o advogado, querendo interromper a conversa naquele terreno embaraçoso e excitante

demais. — O senhor leu como ele matou a esposa por ciúme?

A senhora disse que não o lera. O cavalheiro nervoso nada disse, e mudou de cor.

— Vejo que o senhor adivinhou quem eu sou — disse ele, de repente, após uma pausa.

— Não, não tive esse prazer.

— Não é grande prazer. Eu sou Pózdnichev.

Novo silêncio. Ele enrubesceu, depois empalideceu de novo.

— Que importa, afinal? — disse ele. — Perdão, não quero constrangê-los.

E retomou seu antigo lugar.

Capítulo III

Retomei o meu, também. O advogado e a senhora cochichavam entre si. Eu estava sentado ao lado de Pózdnichev e mantinha silêncio. Desejava falar-lhe, mas não sabia como começar, e assim passou-se uma hora, até chegarmos à estação seguinte.

Ali o advogado e a senhora desceram, bem como o funcionário. Ficamos sozinhos, Pózdnichev e eu.

— Dizem isso, e mentem, ou não compreendem — disse Pózdnichev.

— De que o senhor está falando?

— Ora, ainda da mesma coisa.

Apoiou os cotovelos nos joelhos e apertou as mãos contra as têmporas.

— O amor, o casamento, a família — tudo mentira, mentira, mentira.

Levantou-se, baixou o abajur da lâmpada, deitou-se com os cotovelos na almofada e fechou os olhos. Permaneceu assim por um minuto.

— É desagradável para o senhor ficar comigo, agora que sabe quem eu sou?

— Ah, não.

— O senhor não tem vontade de dormir?

— De modo algum.

— Então quer que eu lhe conte a história da minha vida?

Nesse momento o condutor passou. Pózdnichev seguiu-o com um olhar hostil

e só começou depois que ele saiu de novo. Depois, durante todo o resto da história, não parou uma só vez. Nem mesmo os novos viajantes, ao entrarem, o interromperam.

Seu rosto, enquanto falava, mudou várias vezes de modo tão completo que já não guardava nenhuma semelhança com o que fora um instante antes. Os olhos, a boca, o bigode e até a barba, tudo era novo. A cada vez era uma fisionomia bela e comovente, e essas transformações se produziam de súbito, na penumbra; e por cinco minutos era o mesmo rosto, que não se podia comparar ao de cinco minutos antes. E então, não sei como, mudava de novo e tornava-se irreconhecível.

Capítulo IV

Pois bem, vou então contar-lhe minha vida, e toda a minha história terrível — sim, terrível. E a história em si é mais terrível do que o desfecho.

Calou-se por um momento, passou as mãos pelos olhos e começou:

— Para ser bem compreendido, é preciso contar tudo desde o começo. É preciso contar como e por que me casei, e o que eu era antes do casamento. Primeiro, vou lhe dizer quem sou. Filho de um rico proprietário das estepes, um antigo marechal da nobreza, fui aluno da Universidade, formado pela faculdade de

direito. Casei-me aos trinta anos. Mas, antes de lhe falar do meu casamento, preciso dizer-lhe como eu vivia antes, e que ideias tinha da vida conjugal. Eu levava a vida de tantos outros ditos homens respeitáveis — isto é, na devassidão. E, como a maioria, ao levar a vida de um devasso, estava convencido de ser um homem de moral irrepreensível.

— A ideia que eu tinha de minha moralidade nascia do fato de que, em minha família, não havia conhecimento daquelas devassidões especiais tão comuns no meio dos proprietários rurais, e também do fato de que meu pai e minha mãe não se enganavam um ao outro. Em consequência disso, eu construía desde a infância um sonho de vida conjugal elevada e poética. Minha esposa seria a

própria perfeição, nosso amor mútuo seria incomparável, a pureza de nossa vida conjugal, imaculada. Assim eu pensava, e o tempo todo me maravilhava com a nobreza de meus projetos.

— Ao mesmo tempo, passei dez anos de minha vida adulta sem me apressar rumo ao casamento, e levei o que eu chamava de vida bem-regrada e razoável de um solteiro. Orgulhava-me disso diante de meus amigos e de todos os homens de minha idade que se entregavam a toda espécie de refinamentos especiais. Eu não era um sedutor, não tinha gostos contra a natureza, não fazia da devassidão o objetivo principal da vida; mas encontrava prazer dentro dos limites das regras da sociedade, e inocentemente me julgava um ser

profundamente moral. As mulheres com quem eu tinha relações não me pertenciam só a mim, e eu nada lhes pedia senão o prazer do momento.

— Em tudo isso eu não via nada de anormal. Ao contrário, pelo fato de não empenhar o coração, mas pagar em dinheiro, supunha-me honesto. Evitava aquelas mulheres que, ligando-se a mim ou presenteando-me com um filho, pudessem prender meu futuro. Aliás, talvez tenha havido filhos ou ligações; mas eu de tal modo arranjava as coisas que não podia tomar conhecimento delas.

— E, vivendo assim, considerava-me um homem perfeitamente honesto. Eu não compreendia que a devassidão não consiste simplesmente em atos físicos,

que nenhuma ignomínia física constitui ainda a devassidão, e que a verdadeira devassidão consiste na libertação dos laços morais para com a mulher com quem se entra em relações carnaís; e eu tinha essa libertação por mérito. Lembrome de que uma vez me atormentei em excesso por ter esquecido de pagar a uma mulher que provavelmente se dera a mim por amor. Só voltei a ficar tranquilo quando, tendo-lhe enviado o dinheiro, mostrei-lhe assim que não me considerava de modo algum preso a ela. Oh, não sacuda a cabeça como se concordasse comigo (exclamou de repente, com veemência). Conheço esses truques. Todos os senhores, e o senhor em especial, se não for uma rara exceção, têm as mesmas ideias que eu tinha então.

Se está de acordo comigo, é só agora. Antes o senhor não pensava assim. Nem eu; e, se me tivessem dito o que acabo de lhe dizer, aquilo que aconteceu não teria acontecido. Mas dá no mesmo. Perdão (continuou ele): a verdade é que é terrível, terrível, terrível, este abismo de erros e devassidões em que vivemos, face a face com a verdadeira questão dos direitos da mulher...

— O que o senhor entende pela "verdadeira" questão dos direitos da mulher?

— A questão da natureza desse ser especial, organizado de outro modo que o homem, e de como esse ser e o homem devem encarar a esposa...

Capítulo V

Sim: durante dez anos levei a existência mais repugnante, enquanto sonhava com o mais nobre amor, e até em nome desse amor. Sim, quero contar-lhe como matei minha esposa, e para isso preciso contar-lhe como me devassei. Eu a matei antes de conhecê-la.

— Matei a esposa quando provei pela primeira vez os prazeres sensuais sem amor, e foi então que matei minha esposa. Sim, senhor: foi só depois de ter sofrido, depois de ter me torturado, que cheguei a compreender a raiz das coisas, que

cheguei a compreender meus crimes. Assim o senhor verá onde e como começou o drama que me levou à desgraça.

— É preciso voltar aos meus dezesseis anos, quando eu ainda estava na escola e meu irmão mais velho era estudante de primeiro ano. Eu ainda não conhecera mulheres, mas, como todas as infelizes crianças de nossa sociedade, já não era inocente. Eu era atormentado, como o senhor foi, tenho certeza, e como são atormentados noventa e nove entre cem de nossos meninos. Vivia num pavor terrível, orava a Deus e me prostrava.

— Eu já estava pervertido na imaginação, mas os últimos passos ainda faltavam dar. Eu ainda podia escapar, quando um amigo de meu irmão, um

estudante muito alegre, um daqueles que se chamam bons rapazes — isto é, o maior dos patifes —, e que nos ensinara a beber e a jogar cartas, aproveitou uma noite de embriaguez para arrastar-nos ATÉ LÁ. Fomos. Meu irmão, tão inocente quanto eu, caiu naquela noite, e eu, um mero rapaz de dezesseis anos, poluí-me e ajudei a poluir uma mulher-irmã, sem compreender o que fazia. Nunca ouvira de meus mais velhos que aquilo que assim fazia era mau. É verdade que existem os dez mandamentos da Bíblia; mas os mandamentos são feitos apenas para serem recitados diante dos padres nos exames, e mesmo assim não são tão exigentes quanto as regras sobre o uso do *ut* nas orações condicionais.

— Assim, de meus mais velhos, cuja opinião eu estimava, nunca ouvira que aquilo fosse reprovável. Ao contrário, ouvira pessoas que eu respeitava dizerem que era bom. Ouvira que minhas lutas e meus sofrimentos se aplacariam depois desse ato. Ouvira-o e lera-o. Ouvira de meus mais velhos que era excelente para a saúde, e meus amigos sempre pareceram acreditar que aquilo continha não sei que mérito e coragem. Assim, nada se vê nisso senão o que é louvável. Quanto ao perigo da doença, é um perigo previsto. Não se precavê o governo contra ele? E até a ciência nos corrompe.

— Como assim, a ciência? — perguntei.

— Ora, os médicos, os pontífices da ciência. Quem perverte os jovens ao estabelecer tais regras de higiene? Quem

perverte as mulheres ao inventar e ensinar-lhes meios de não ter filhos?

— Sim: se apenas a centésima parte dos esforços gastos em curar doenças fosse gasta em curar a devassidão, a doença há muito teria deixado de existir; ao passo que agora todos os esforços se empregam não em extirpar a devassidão, mas em favorecê-la, assegurando a inocuidade das consequências. Aliás, não se trata disso. Trata-se desta coisa terrível que me aconteceu, como acontece a nove décimos, senão mais, não só dos homens de nossa sociedade, mas de todas as sociedades, até dos camponeses — esta coisa terrível de que eu caíra, e não porque estivesse submetido à sedução natural de certa mulher. Não, nenhuma mulher me seduziu. Caí porque o meio

em que me encontrava via naquela coisa degradante apenas uma função legítima, útil à saúde; porque outros viam nela simplesmente uma diversão natural, não só desculpável, mas até inocente num rapaz. Eu não compreendia que aquilo era uma queda, e comecei a me entregar àqueles prazeres (em parte por desejo, em parte por necessidade) que me haviam levado a crer serem próprios de minha idade, tal como começara a beber e a fumar.

— E, no entanto, havia nessa primeira queda algo peculiar e comovente. Lembro-me de que logo fui tomado de uma tristeza tão profunda que tive vontade de chorar, de chorar a perda para sempre de minhas relações com a mulher. Sim, minhas relações com a

mulher estavam perdidas para sempre. Relações puras com mulheres, dali em diante, eu já não podia ter. Eu me tornara o que se chama um voluptuoso; e ser voluptuoso é uma condição física, como a condição da vítima do vício da morfina, do bêbado, do fumante.

— Assim como a vítima do vício da morfina, o bêbado, o fumante já não é um homem normal, assim o homem que conheceu várias mulheres por prazer já não é normal. É anormal para sempre. É um voluptuoso. Assim como o bêbado e a vítima da morfina podem ser reconhecidos pelo rosto e pelos modos, assim podemos reconhecer um voluptuoso. Ele pode reprimir-se e lutar, mas nunca mais gozará de relações simples, puras e fraternas com a mulher.

Pelo seu modo de lançar o olhar a uma jovem, reconhece-se logo um voluptuoso; e eu me tornei um voluptuoso, e assim permaneci.

Capítulo VI

Sim, é assim; e aquilo foi cada vez mais longe, com toda espécie de variações. Meu Deus! Quando me lembro de todos os meus atos covardes e das minhas más ações, fico apavorado. E lembro-me daquele "eu" que, durante aquele período, ainda era alvo do escárnio dos companheiros por causa de sua inocência.

— E quando ouço falar da juventude dourada, dos oficiais, dos parisienses, e de todos esses cavalheiros, e de mim mesmo, levando vidas desregradas aos trinta anos, e que temos na consciência

centenas de crimes contra mulheres, terríveis e variados, quando entramos num salão ou num salão de baile, lavados, barbeados e perfumados, com roupa branca alvíssima, de fraque ou de uniforme, como emblemas de pureza — oh, que nojo! Há de vir seguramente um tempo, uma época, em que todas essas vidas e toda essa covardia serão desveladas!

— Assim, no entanto, vivi até os trinta anos, sem abandonar por um minuto minha intenção de casar e construir uma vida conjugal elevada; e, com isso em vista, observava todas as jovens que pudessem me convir. Eu estava enterrado na podridão e, ao mesmo tempo, buscava virgens cuja pureza fosse digna de mim!

Muitas foram rejeitadas: não me pareciam puras o bastante!

— Finalmente encontrei uma que considere à altura de mim mesmo. Era uma das duas filhas de um proprietário de terras de Penza, outrora muito rico e depois arruinado. Para dizer a verdade, sem falsa modéstia, elas me perseguiram e por fim me capturaram. A mãe (o pai estava ausente) armou toda espécie de ciladas, e uma delas, um passeio de barco, decidiu meu futuro.

— Decidi-me ao fim do tal passeio, numa noite de luar, no caminho de volta, enquanto eu estava sentado ao lado dela. Admirei seu corpo esbelto, cuja forma encantadora era moldada por um *jersey*, e seus cabelos cacheados, e de repente concluí que era ela. Pareceu-me, naquela

bela noite, que ela compreendia tudo o que eu pensava e sentia, e eu pensava e sentia as coisas mais elevadas.

— Na verdade, era só o *jersey* que lhe caía tão bem, e os cabelos cacheados, e também o fato de eu ter passado o dia ao lado dela e de desejar uma relação mais íntima.

— Voltei para casa entusiasmado e persuadi-me de que ela realizava a mais alta perfeição, e que por isso era digna de ser minha esposa; e no dia seguinte fiz-lhe um pedido de casamento.

— Não, diga o que disser, vivemos em tal abismo de falsidade que, se algum acontecimento não nos golpeia a cabeça, como no meu caso, não conseguimos despertar. Que confusão! Entre os milhares de homens que se casam, não só

entre nós, mas também entre o povo, dificilmente encontrará um único que não se tenha casado antes ao menos dez vezes. (É verdade que agora existem, ao menos foi o que ouvi, jovens puros que sentem e sabem que isto não é brincadeira, mas coisa séria. Que Deus os ajude! Mas no meu tempo não se encontrava um assim entre mil.)

— E todos sabem disso, e fingem não saber. Em todos os romances descrevem-se, até os menores detalhes, os sentimentos das personagens, os lagos e as sarças em torno dos quais elas passeiam; mas, quando se trata de descrever o grande amor delas, não se diz uma palavra sobre o que Ele, a personagem interessante, fez antes, nem uma palavra sobre suas frequentações de

casas de má fama, ou sobre suas relações com amas-secas, cozinheiras e mulheres alheias.

— E, se algo se diz dessas coisas, tais romances impróprios não são postos nas mãos das jovens. Todos os homens têm o ar de acreditar, na presença das donzelas, que esses prazeres corruptos, de que todo mundo participa, não existem, ou existem apenas em grau ínfimo. Fingem-no com tanto cuidado que conseguem convencer-se disso. Quanto às pobres jovens, acreditam nisso muito a sério, tal como minha pobre esposa acreditava.

— Lembro-me de que, já noivo, mostrei-lhe minhas "memórias", pelas quais ela podia ficar sabendo mais ou menos do meu passado, e sobretudo da minha última ligação, que ela talvez

pudesse ter descoberto pela fofoca de algum terceiro. Foi por essa última razão, aliás, que senti a necessidade de comunicar-lhe essas memórias. Ainda vejo o seu susto, seu desespero, sua perplexidade, quando soube e compreendeu. Ela esteve a ponto de romper o noivado. Que sorte teria sido para nós dois!

Pózdnichev calou-se por um momento e depois retomou:

— No fim das contas, não! É melhor que as coisas tenham acontecido como aconteceram, melhor! — exclamou ele. — Foi bom para mim. Aliás, dá no mesmo. Eu dizia que, nesses casos, são as pobres jovens que são enganadas. Quanto às mães, as mães sobretudo, informadas por seus maridos, sabem de tudo e, embora

fingindo acreditar na pureza do rapaz, agem como se não acreditassem nela.

— Elas sabem que isca é preciso lançar às pessoas, para si mesmas e para suas filhas. Nós, homens, pecamos por ignorância e por uma determinação de não aprender. Quanto às mulheres, sabem muito bem que o mais nobre e poético amor, como o chamamos, depende não de qualidades morais, mas da intimidade física, e também do modo de arrumar o cabelo, e da cor e da forma.

— Pergunte a uma coquete experiente, que se propôs seduzir um homem, o que ela preferiria: ser convencida, na presença do homem que está empenhada em conquistar, de falsidade, de perversidade, de crueldade, ou aparecer diante dele com um vestido malfeito, ou

de cor que não lhe assente. Ela preferirá a primeira alternativa. Sabe muito bem que nós simplesmente mentimos quando falamos de nossos sentimentos elevados, que buscamos apenas a posse de seu corpo e que, por causa disso, perdoaremos toda espécie de baixeza, mas não lhe perdoaremos um traje de tom feio, sem gosto nem caimento.

— E essas coisas ela sabe pela razão, ao passo que a donzela as conhece apenas por instinto, como o animal. Daí esses abomináveis jerseys, essas corcundas artificiais nas costas, esses ombros, braços e colos desnudos.

— As mulheres, sobretudo as que passaram pela escola do casamento, sabem muito bem que as conversas sobre assuntos elevados são apenas conversas,

e que o homem busca e deseja o corpo e tudo o que orna o corpo. Por conseguinte, agem de acordo. Se rejeitarmos as explicações convencionais e virmos a vida de nossas classes altas e baixas tal como é, com toda a sua desvergonha, ela é apenas uma vasta perversidade. O senhor não compartilha dessa opinião? Permita-me, vou prová-lo (disse ele, interrompendo-me).

— O senhor diz que as mulheres de nossa sociedade vivem por um interesse diferente do que move as mulheres perdidas. E eu digo que não, e vou prová-lo. Se os seres diferem uns dos outros segundo o objetivo de sua vida, segundo sua vida interior, isso necessariamente se refletirá também em sua vida exterior, e seu exterior será muito diferente. Pois

bem, compare as miseráveis, as desprezadas, com as mulheres da mais alta sociedade: os mesmos vestidos, as mesmas modas, os mesmos perfumes, a mesma paixão por joias, por artigos brilhantes e caríssimos, as mesmas diversões, danças, música e canções. Umas atraem por todos os meios possíveis; as outras, o mesmo. Nenhuma diferença, nenhuma!

— Sim, e eu também fui cativado por jerseys, anquinhas e cabelos cacheados.

Capítulo VII

Era muito fácil capturar-me, pois fui criado em condições artificiais, como pepinos numa estufa. Nossa alimentação farta demais, junto com a completa ociosidade física, nada mais é do que uma excitação sistemática da imaginação. Os homens de nossa sociedade são alimentados e mantidos como garanhões reprodutores. Basta fechar a válvula — isto é, basta um rapaz viver uma vida tranquila por algum tempo — para produzir, como resultado imediato, uma inquietação que, exagerada pela reflexão através do

prisma de nossa vida artificial, provoca a ilusão do amor.

— Todos os nossos idílios e casamentos, todos, são, em grande parte, resultado de nossa alimentação. Isso o espanta? De minha parte, espanto-me de que não o vejamos. Não longe de minha propriedade, nesta primavera, alguns mujiques trabalhavam num aterro de ferrovia. O senhor sabe qual é a comida do camponês: pão, *kvass*³, cebolas. Com esse alimento frugal ele vive, é ágil, faz trabalho leve nos campos. Mas na ferrovia esse cardápio passa a ser *kacha*⁴ e meio quilo de carne. Só que ele restitui essa carne com dezesseis horas de labor, empurrando cargas de meia tonelada.

— E nós, que comemos um quilo de carne e caça, que absorvemos toda

espécie de bebidas e alimentos aquecedores, como gastamos tudo isso? Em excessos sensuais. Se a válvula está aberta, tudo vai bem; mas feche-a, como eu a fechara temporariamente antes do casamento, e logo resultará uma excitação que, deformada pelos romances, pelos versos, pela música, por nossa vida ociosa e luxuosa, dará um amor da mais fina água. Também eu me apaixonei, como todo mundo, e houve arroubos, emoções, poesia; mas, na verdade, toda essa paixão fora preparada pela mamãe e pelas costureiras. Se não houvesse passeios de barco, roupas bem ajustadas, etc., se minha esposa usasse alguma blusa disforme e eu a visse assim em sua casa, eu não teria sido seduzido.

Capítulo VIII

E note, também, esta falsidade de que todos são culpados: o modo como se fazem os casamentos. Que poderia haver de mais natural? A jovem está em idade de casar, deve casar-se. O que há de mais simples, desde que a moça não seja um monstro e se possam encontrar homens com desejo de casar? Pois bem, não: aqui começa uma nova hipocrisia.

— Antigamente, quando a donzela chegava a uma idade favorável, seu casamento era arranjado pelos pais. Assim se fazia, assim ainda se faz, por toda a humanidade, entre os chineses, os

hindus, os muçulmanos, e também entre o nosso povo. As coisas se arranjam assim em ao menos noventa e nove por cento das famílias de toda a raça humana.

— Só nós, os viciados, imaginamos que esse modo era mau e inventamos outro. E esse outro, qual é? É este: as jovens são postas sentadas, e os cavalheiros passeiam para lá e para cá diante delas, como num bazar, e fazem sua escolha. As donzelas esperam e pensam, mas não ousam dizer: "Escolha a mim, rapaz, a mim e não a ela. Olhe estes ombros e o resto." Nós, os machos, passeamos para lá e para cá, e avaliamos a mercadoria, e depois discorremos sobre os direitos da mulher, sobre a liberdade que ela adquire, não sei como, nas salas de espetáculo.

— Mas o que se há de fazer? — disse-lhe eu. — Deve a mulher tomar a iniciativa?

— Não sei. Mas, se é uma questão de igualdade, que a igualdade seja completa. Embora se tenha achado que contrair casamento por meio de casamenteiras é humilhante, isso ainda é mil vezes preferível ao nosso sistema. Ali os direitos e as chances são iguais; aqui a mulher é uma escrava, exibida no mercado. Mas, como ela não pode curvar-se à sua condição nem tomar a iniciativa, começa aquela outra mentira, mais abominável ainda, que às vezes se chama frequentar a sociedade, às vezes divertir-se, e que não é, na verdade, senão a caça a um marido.

— Mas diga a uma mãe ou à sua filha que estão empenhadas apenas numa caça a um marido. Deus! Que ofensa! E, no entanto, elas não podem fazer outra coisa, nem têm outra coisa a fazer; e o terrível de tudo é ver, às vezes, donzelas muito jovens, pobres e inocentes assombradas unicamente por tais ideias. Se ao menos, repito, isso se fizesse com franqueza; mas vem sempre acompanhado de mentiras e de tagarelice deste tipo:

— "Ah, a descendência das espécies! Que interessante!"

— "Ah, a Lily se interessa muito por pintura."

— "O senhor vai à Exposição? Que encantador!"

— "E a troica, e as peças, e a sinfonia. Ah, que adorável!"

— "Minha Lise adora música apaixonadamente."

— "E o senhor, por que não compartilha dessas convicções?"

— E, através de toda essa verborragia, todas têm uma só ideia: "Escolha a mim, escolha a minha Lise. Não, a mim! Vamos, tente!"

Capítulo IX

O senhor sabe — continuou de repente Pózdnichev — que esse poder das mulheres, de que o mundo padece, provém unicamente daquilo de que acabo de falar?

— O que o senhor entende por poder das mulheres? — disse eu. — Todo mundo, ao contrário, se queixa de que as mulheres não têm direitos suficientes, de que estão submetidas.

— É isso; é exatamente isso — disse ele, com vivacidade. — É justamente o que quero dizer, e é a explicação desse fenômeno extraordinário: que, por um lado, a mulher é reduzida ao mais baixo

grau de humilhação, e, por outro, reina sobre tudo. Veja os judeus: com seu poder do dinheiro, vingam-se de sua submissão, tal como fazem as mulheres. "Ah, vocês querem que sejamos só comerciantes? Muito bem: continuando comerciantes, tomaremos posse de vocês", dizem os judeus. "Ah, vocês querem que sejamos apenas objetos de sensualidade? Muito bem: com o auxílio da sensualidade, vamos dobrá-los sob o nosso jugo", dizem as mulheres.

— A ausência dos direitos da mulher não consiste no fato de ela não ter o direito de votar ou de ocupar a magistratura, mas no fato de que, em suas relações afetivas, ela não é igual do homem, não tem o direito de se abster, de escolher em vez de ser escolhida. O

senhor dirá que isso seria anormal. Muito bem! Mas então não deixem que o homem goze desses direitos enquanto sua companheira é deles privada e se vê obrigada a valer-se da coqueteria pela qual governa; de modo que o resultado é que o homem escolhe "formalmente", ao passo que, na verdade, é a mulher quem escolhe. E, assim que se apossa de seus meios, ela abusa deles e adquire uma supremacia terrível.

— Mas onde o senhor vê esse poder excepcional?

— Onde? Ora, em toda parte, em tudo. Vá ver as lojas das grandes cidades. Há ali milhões, milhões. É impossível estimar a enorme quantidade de trabalho que ali se gasta. Em nove décimos dessas lojas há alguma coisa que seja para uso dos

homens? Todo o luxo da vida é exigido e sustentado pela mulher. Conte as fábricas; a maior parte delas se ocupa em fazer adornos femininos. Milhões de homens, gerações de escravos, morrem labutando como forçados, só para satisfazer os caprichos de nossas companheiras.

— As mulheres, como rainhas, mantêm nove décimos do gênero humano como prisioneiros de guerra, ou como forçados em trabalhos pesados. E tudo isso porque foram humilhadas, porque foram privadas de direitos iguais aos que os homens gozam. Vingam-se de nossa sensualidade; apanham-nos em suas redes.

— Sim, é tudo aí. As mulheres fizeram de si mesmas uma tal arma para agir

sobre os sentidos que um rapaz, e mesmo um velho, não consegue permanecer tranquilo em sua presença. Observe uma festa popular, ou nossas recepções ou salões de baile. A mulher conhece bem sua influência ali. O senhor a verá em seus sorrisos triunfantes.

— Assim que um rapaz avança em direção a uma mulher, cai logo sob a influência desse ópio e perde a cabeça. Há muito me sinto pouco à vontade quando vejo uma mulher enfeitada demais — seja uma mulher do povo com seu lenço vermelho ao pescoço e a saia arregaçada, seja uma mulher de nossa sociedade em seu vestido de baile. Mas agora isso simplesmente me apavora. Vejo nisso um perigo para os homens, algo contrário às leis; e sinto vontade de

chamar um guarda, de apelar por defesa de algum lado, de exigir que esse objeto perigoso seja removido.

— E isto não é nenhuma brincadeira, de modo algum. Estou convencido, tenho certeza, de que virá o tempo — e talvez não esteja distante — em que o mundo compreenderá isto, e se espantará de que tenha podido existir uma sociedade em que se permitissem ações tão nocivas quanto aquelas que apelam à sensualidade adornando o corpo, como fazem nossas companheiras. Seria o mesmo que armar ciladas ao longo de nossas ruas públicas, ou pior que isso.

Capítulo X

Foi assim, então, que fui capturado. Eu estava apaixonado, como se diz; não só ela me parecia um ser perfeito, mas eu me considerava um mirlo branco⁵. É um fato corriqueiro que não há no mundo ninguém tão baixo que não possa encontrar alguém mais vil que si mesmo e, por conseguinte, inchar-se de orgulho e de contentamento próprio. Eu estava nessa situação. Não me casei por dinheiro. O interesse era estranho ao caso, ao contrário dos casamentos da maioria de meus conhecidos, que se casavam ou por dinheiro ou por relações.

Primeiro, eu era rico, ela era pobre. Segundo, eu me orgulhava especialmente do fato de que, enquanto outros se casavam com a intenção de continuar sua vida polígama de solteiros, era minha firme intenção viver monogamicamente depois do noivado e do casamento, e meu orgulho inchava desmesuradamente.

— Sim, eu era um miserável, convencido de ser um anjo. O período do meu noivado não durou muito. Não posso me lembrar daqueles dias sem vergonha. Que abominação!

— Convenciona-se, em geral, que o amor é um sentimento moral, uma comunhão de pensamento mais do que de sentido. Se é assim, essa comunhão de pensamento deveria encontrar expressão em palavras e conversas. Nada disso. Era-

nos extremamente difícil conversar um com o outro. Que labor de Sísifo era a nossa conversa! Mal pensávamos em algo a dizer, e o dizíamos, e já tínhamos de retomar o silêncio e tentar descobrir novos assuntos. Literalmente, não sabíamos o que dizer um ao outro. Tudo o que podíamos pensar sobre a vida que nos aguardava e sobre o nosso lar já estava dito.

— E depois, o quê? Se fôssemos animais, saberíamos que não tínhamos de conversar. Mas aqui, ao contrário, era preciso conversar, e não havia recursos! Pois aquilo que ocupava as nossas mentes não era coisa que se pudesse exprimir em palavras.

— E depois aquele costume tolo de comer bombons, aquela glotonaria brutal

por doces, aqueles abomináveis preparativos para o casamento, aquelas discussões com a mamãe sobre os aposentos, sobre os quartos de dormir, sobre a roupa de cama, sobre os roupões, sobre os penhoares, sobre a roupa branca, sobre os trajes! Compreenda que, se as pessoas se casassem à moda antiga, como aquele velho dizia há pouco, então essas cobertas de plumas e essa roupa de cama seriam todos detalhes sagrados; mas, entre nós, de cada dez pessoas casadas dificilmente se encontra uma que — não digo acredite nos sacramentos (se acredita ou não, é-nos indiferente), mas — acredite no que promete. De cada cem homens, dificilmente há um que não se tenha casado antes, e de cada cinquenta

difícilmente um que não tenha resolvido enganar a esposa.

— A grande maioria encara essa viagem à igreja como uma condição necessária à posse de certa mulher. Pense, então, na suprema significação que os detalhes materiais devem assumir. Não é uma espécie de venda, em que uma donzela é entregue a um devasso, cercada a venda dos detalhes mais agradáveis?

Capítulo XI

— Todos se casam desse modo. E eu fiz como os demais. Se os jovens que sonham com a lua de mel soubessem que desilusão ela é, e sempre uma desilusão! Não sei mesmo por que todos acham necessário ocultá-lo.

— Certo dia eu passeava entre os espetáculos de Paris quando, atraído por um letreiro, entrei num estabelecimento para ver uma mulher barbada e um cão-d'água. A mulher era um homem disfarçado, e o cão era um cão comum, coberto com uma pele de foca e nadando numa banheira. Não tinha o menor interesse, mas o *Barnum*⁶ acompanhou-me muito cortesmente até a saída e, dirigindo-se às pessoas que entravam,

apelou ao meu testemunho. "Perguntem ao cavalheiro se não vale a pena ver! Entrem, entrem! Custa só um franco!" E, na minha confusão, não ousei responder que não havia nada de curioso para ver, e foi com a minha falsa vergonha que o *Barnum* deve ter contado.

— Deve ser o mesmo com as pessoas que passaram pelas abominações da lua de mel. Elas não ousam desiludir o próximo. E eu fiz o mesmo.

— As felicidades da lua de mel não existem. Ao contrário, é um período de mal-estar, de vergonha, de piedade e, sobretudo, de tédio — de um tédio feroz. É algo como o sentimento de um rapaz que está começando a fumar. Ele tem vontade de vomitar; baba, e engole a própria baba, fingindo desfrutar desse

pequeno divertimento. O vício do casamento...

— O quê! Vício? — disse eu. — Mas o senhor está falando de uma das coisas mais naturais.

— Natural! — disse ele. — Natural! Não, considero, ao contrário, que é contra a natureza, e sou eu, um homem pervertido, quem chegou a essa convicção. Que seria, então, se eu não tivesse conhecido a corrupção? Para uma jovem, para toda jovem não pervertida, é um ato extremamente antinatural, tal como o é para as crianças. Minha irmã casou-se, muito jovem, com um homem que tinha o dobro de sua idade e era inteiramente corrupto. Lembro-me de como ficamos espantados na noite de seu casamento quando, pálida e coberta de

lágrimas, ela fugiu do marido, o corpo todo tremendo, dizendo que por nada no mundo diria o que ele queria dela.

— O senhor diz natural? É natural comer; essa é uma função prazerosa, agradável, que ninguém tem vergonha de exercer desde o nascimento. Não, não é natural. Uma jovem pura quer uma só coisa: filhos. Filhos, sim, não um amante...

— Mas — disse eu, com espanto — como continuaria a raça humana?

— Mas para que serve que ela continue? — retorquiu ele, com veemência.

— Como! Para que serve? Mas então não existiríamos.

— E por que é necessário que existamos?

— Ora, para viver, é claro.

— E para que viver? Os Schopenhauer, os Hartmann⁷, e todos os budistas dizem que a maior felicidade é o Nirvana, a Não-Vida; e têm razão neste sentido: que a felicidade humana coincide com a aniquilação do "Eu". Só que não se exprimem bem. Dizem que a Humanidade deve aniquilar-se para evitar seus sofrimentos, que seu objetivo deve ser destruir-se. Ora, o objetivo da Humanidade não pode ser evitar os sofrimentos pela aniquilação, pois o sofrimento é resultado da atividade. O objetivo da atividade não pode consistir em suprimir suas consequências. O objetivo do Homem, como o da Humanidade, é a felicidade, e, para alcançá-la, a Humanidade tem uma lei

que deve cumprir. Essa lei consiste na união dos seres. Essa união é frustrada pelas paixões. E é por isso que, se as paixões desaparecerem, a união se consumará. A Humanidade terá então cumprido a lei e não terá mais razão de existir.

— E antes que a Humanidade cumpra a lei?

— Nesse meio-tempo, ela terá o sinal da lei não cumprida, e a existência do amor físico. Enquanto esse amor existir, e por causa dele, nascerão gerações, uma das quais finalmente cumprirá a lei. Quando, por fim, a lei for cumprida, a Raça Humana será aniquilada. Ao menos é impossível para nós conceber a Vida na perfeita união das pessoas.

Capítulo XII

— Estranha teoria! — exclamei.

— Estranha em quê? Segundo todas as doutrinas da Igreja, o mundo terá um fim. A ciência ensina as mesmas conclusões fatais. Por que, então, é estranho que o mesmo resultado decorra da Doutrina moral? "Contenha-se quem puder", disse Cristo. E tomo essa passagem à letra, tal como está escrita. Para que a moralidade possa existir entre as pessoas em suas relações mundanas, elas devem fazer da castidade completa o seu objetivo. Ao tender a esse fim, o homem se humilha. Quando alcançar o último grau de humilhação, teremos o casamento moral.

— Mas se o homem, como em nossa sociedade, tende apenas ao amor físico,

ainda que o revista de pretextos e das falsas formas do casamento, terá apenas uma devassidão permitida, conhecerá apenas a mesma vida imoral em que eu caí e fiz cair minha esposa, uma vida a que chamamos a vida honesta da família. Pense em que perversão de ideias deve nascer quando a mais feliz situação do homem, a liberdade, a castidade, é encarada como algo miserável e ridículo. O mais alto ideal, a melhor situação da mulher — ser pura, ser uma vestal, uma virgem — provoca medo e riso em nossa sociedade. Quantas, quantas jovens sacrificam sua pureza a esse Moloch da opinião, casando-se com patifes para não permanecerem virgens — isto é, superiores! Por medo de se encontrarem naquele estado ideal, arruínam-se.

— Mas eu não compreendia antes, não compreendia que as palavras do Evangelho — "aquele que olha para uma mulher com desejo já cometeu adultério"⁸ — não se aplicam às esposas alheias, mas notável e especialmente às nossas próprias esposas. Eu não compreendia isso, e pensava que a lua de mel e todos os meus atos durante aquele período eram virtuosos, e que satisfazer os próprios desejos com a esposa é coisa eminentemente casta. Saiba, então, que considero essas partidas, esses isolamentos que os jovens casais arranjam com a permissão dos pais, como nada mais que uma licença para entregar-se à devassidão.

— Eu não via, então, nisso nada de mau ou vergonhoso e, esperando grandes

alegrias, comecei a viver a lua de mel. E, com toda a certeza, nenhuma dessas alegrias se seguiu. Mas eu tinha fé, e estava determinado a tê-las, custasse o que custasse. Mas quanto mais eu tentava obtê-las, menos conseguia. Todo esse tempo senti-me ansioso, envergonhado e cansado. Logo comecei a sofrer. Creio que no terceiro ou quarto dia encontrei minha esposa triste e perguntei-lhe a razão. Comecei a abraçá-la, o que, em minha opinião, era tudo o que ela podia desejar. Ela me afastou com a mão e começou a chorar.

— Por quê? Ela não sabia dizer. Estava tomada de tristeza, de angústia. Provavelmente seus nervos torturados lhe haviam sugerido a verdade sobre a baixeza de nossas relações, mas ela não

encontrava palavras para dizê-lo. Comecei a interrogá-la; respondeu que sentia falta da mãe ausente. Pareceu-me que não dizia a verdade. Procurei consolá-la mantendo silêncio a respeito de seus pais. Não imaginei que ela se sentisse simplesmente esmagada, e que seus pais nada tinham a ver com sua tristeza. Ela não me escutava, e eu a acusei de capricho. Comecei a rir dela de mansinho. Ela enxugou as lágrimas e começou a censurar-me, em termos duros e ferinos, por meu egoísmo e minha crueldade.

— Olhei para ela. Todo o seu rosto exprimia ódio, e ódio de mim. Não posso descrever-lhe o susto que essa visão me deu. "Como? O quê?", pensei. "O amor é a união das almas, e aqui ela me odeia? A

mim? Por quê? Mas é impossível! Já não é ela!"

— Tentei acalmá-la. Deparei com uma hostilidade imóvel e fria, de modo que, não tendo tempo de refletir, fui tomado de viva irritação. Trocamos observações desagradáveis. A impressão dessa primeira briga foi terrível. Digo briga, mas o termo é inexato. Foi a súbita descoberta do abismo que fora cavado entre nós. O amor se exaurira com a satisfação da sensualidade. Ficamos frente a frente em nossa verdadeira luz, como dois egoístas tentando obter o maior gozo possível, como dois indivíduos tentando explorar-se mutuamente.

— Assim, o que eu chamava de nossa briga era a nossa situação real tal como aparecia depois da satisfação do desejo

sensual. Eu não percebia que essa hostilidade fria era o nosso estado normal, e que essa primeira briga logo seria afogada sob uma nova onda da mais intensa sensualidade. Pensei que tínhamos discutido um com o outro e nos havíamos reconciliado, e que aquilo não voltaria a acontecer. Mas nessa mesma lua de mel veio um período de saciedade, em que deixamos de ser necessários um ao outro, e uma nova briga irrompeu.

— Tornou-se evidente que a primeira não fora por acaso. "Era inevitável", pensei. Essa segunda briga estarreceu-me ainda mais, porque se baseava numa causa extremamente injusta. Era algo como uma questão de dinheiro — e nunca eu regateara nesse ponto; era mesmo impossível que o fizesse em relação a ela.

Só me lembro de que, em resposta a alguma observação que fiz, ela insinuou que minha intenção era governá-la por meio do dinheiro, e que era no dinheiro que eu fundava meu único direito sobre ela. Em suma, algo extraordinariamente estúpido e vil, que não estava nem no meu caráter nem no dela.

— Fiquei fora de mim. Acusei-a de indelicadeza. Ela me fez a mesma acusação, e a disputa irrompeu. Em suas palavras, na expressão de seu rosto, de seus olhos, notei de novo o ódio que tanto me espantara antes. Com um irmão, com amigos, com meu pai, eu ocasionalmente brigara, mas nunca houvera entre nós aquele rancor feroz. Passou-se algum tempo. Nosso ódio mútuo ocultou-se de novo sob um acesso de desejo sensual, e

voltei a consolar-me com a reflexão de que aquelas cenas eram faltas reparáveis.

— Mas, quando se repetiram uma terceira e uma quarta vez, compreendi que não eram simples faltas, mas uma fatalidade que haveria de repetir-se. Já não me assustava; apenas me espantava de que fosse justamente eu a viver de modo tão incômodo com minha esposa, e de que o mesmo não acontecesse nos outros lares. Eu não sabia que em todos os lares se dão as mesmas mudanças bruscas, mas que todos, como eu, imaginam ser uma desgraça reservada exclusivamente a eles próprios, que ocultam com cuidado como algo vergonhoso, não só aos outros, mas a si mesmos, como uma doença ruim.

— Foi o que me aconteceu. Começada nos primeiros dias, prosseguiu e cresceu com características de fúria cada vez mais pronunciadas. No fundo da alma, desde as primeiras semanas, senti que estava numa armadilha, que tinha o que não esperava, e que o casamento não é uma alegria, mas uma provação dolorosa. Como todo mundo, recusei-me a confessá-lo (não o teria confessado nem agora, não fosse o desfecho). Agora espanto-me ao pensar que não via minha real situação. Era tão fácil percebê-la, em vista daquelas brigas, começadas por razões tão triviais que depois não se conseguia sequer recordá-las.

— Assim como acontece muitas vezes entre jovens alegres que, na falta de piadas, riem do próprio riso, assim nós

não encontrávamos razões para o nosso ódio, e nos odiávamos porque o ódio naturalmente fervia em nós. Mais extraordinária ainda era a ausência de causas para a reconciliação.

— Às vezes palavras, explicações, ou mesmo lágrimas; mas às vezes, lembro-me, depois de palavras injuriosas, seguiam-se tacitamente abraços e declarações. Que abominação! Por que será que eu não percebia então essa baixeza?

Capítulo XIII

— Todos nós, homens e mulheres, somos criados nessas aberrações de sentimento a que chamamos amor. Eu, desde a infância, me preparara para essa coisa, e amei, e amei durante toda a minha juventude, e era feliz em amar. Puseram-me na cabeça que era a mais nobre e alta ocupação do mundo. Mas quando esse sentimento esperado veio, enfim, e eu, um homem, me abandonei a ele, a mentira foi trespassada de lado a lado. Em teoria, um amor elevado é concebível; na prática, é coisa ignóbil e degradante, de que é igualmente repugnante falar e lembrar. Não é em vão que a natureza fez as cerimônias, mas as pessoas fingem que o ignóbil e o vergonhoso é belo e elevado.

— Vou dizer-lhe, brutal e brevemente, quais foram os primeiros sinais do meu amor. Abandonei-me a excessos bestiais, não só sem me envergonhar deles, mas orgulhoso deles, sem dar um pensamento à vida intelectual de minha esposa. E não só não pensava em sua vida intelectual, como nem sequer considerava sua vida física.

— Eu me espantava com a origem de nossa hostilidade e, no entanto, como ela era clara! Essa hostilidade nada mais é do que um protesto da natureza humana contra a besta que a escraviza. Não podia ser de outro modo. Esse ódio era o ódio de cúmplices num crime. Não era um crime que, tendo esta pobre mulher engravidado já no primeiro mês, a nossa ligação tivesse continuado assim mesmo?

— O senhor imagina que estou me afastando da minha história. De modo algum. Continuo a dar-lhe conta dos acontecimentos que levaram ao assassinato de minha esposa. Os imbecis! Pensam que matei minha esposa a 5 de outubro. Foi muito antes disso que a imolei, tal como todos matam agora. Compreenda bem que, em nossa sociedade, há uma ideia partilhada por todos: que a mulher proporciona ao homem prazer (e vice-versa, provavelmente, mas disso nada sei, só conheço o meu caso). *Wein, Weiber und Gesang*. Assim dizem os poetas em seus versos: Vinho, mulheres e canção!

— Se fosse só isso! Tome toda a poesia, a pintura, a escultura, a começar pelos "Pezinhos" de Púchkin⁹, por "Vênus e

Frineia", e verá que a mulher é apenas um meio de prazer. É o que ela é em Trúba¹⁰, em Gratchevka, e num salão de baile da corte. E pense neste truque diabólico: se ela fosse uma coisa sem valor moral, poder-se-ia dizer que a mulher é um bom bocado; mas, em primeiro lugar, esses cavaleiros asseguram que adoram a mulher (adoram-na e, no entanto, encaram-na como um meio de prazer); depois, todos asseguram que estimam a mulher. Uns lhe cedem o lugar, apanham-lhe o lenço; outros reconhecem-lhe o direito de ocupar todos os cargos, de participar do governo, etc.; mas, apesar de tudo isso, o ponto essencial permanece o mesmo. Ela é, ela permanece, um objeto de desejo sensual, e ela o sabe. É escravidão, pois a

escravidão nada mais é do que a utilização do trabalho de alguns para o gozo de outros. Para que a escravidão não exista, é preciso que as pessoas se recusem a gozar do trabalho alheio e o encarem como ato vergonhoso e como pecado.

— Na prática, eis o que acontece. Abolem a forma externa, suprimem as vendas formais de escravos e, depois, imaginam e asseguram aos outros que a escravidão está abolida. Não querem ver que ela ainda existe, já que as pessoas, como antes, gostam de tirar proveito do trabalho alheio e o julgam bom e justo. Sendo assim, sempre se encontrarão seres mais fortes ou mais astutos que os outros para disso tirar proveito. O mesmo acontece com a emancipação da mulher.

No fundo, a servidão feminina consiste inteiramente em sua assimilação a um meio de prazer. Excitam a mulher, dão-lhe toda espécie de direitos iguais aos dos homens, mas continuam a encará-la como objeto de desejo sensual, e assim a criam desde a infância e na opinião pública.

— Ela é sempre a serva humilhada e corrompida, e o homem permanece sempre o Senhor devasso. Sim, para abolir a escravidão, a opinião pública deve admitir que é vergonhoso explorar o próximo; e, para tornar a mulher livre, a opinião pública deve admitir que é vergonhoso considerar a mulher um instrumento de prazer.

— A emancipação da mulher não se há de efetuar nos tribunais nem na câmara

dos deputados, mas no quarto de dormir. A prostituição há de ser combatida não nas casas de má fama, mas na família. Libertam a mulher nos tribunais e na câmara dos deputados, mas ela permanece um instrumento. Ensine-a, como é ensinada entre nós, a olhar-se como tal, e ela permanecerá sempre um ser inferior. Ou, com o auxílio dos médicos patifes, ela tentará impedir a concepção e descerá, não ao nível de um animal, mas ao nível de uma coisa; ou será o que é na grande maioria dos casos: doente, histérica, miserável, sem esperança de progresso espiritual...

— Mas por que isso? — perguntei.

— Oh! O mais espantoso é que ninguém quer ver esta coisa, evidente como é, que os médicos deviam compreender, mas

que têm o cuidado de não fazer. O homem não quer conhecer a lei da natureza — os filhos. Mas os filhos nascem e se tornam um embaraço. Então o homem inventa meios de evitar esse embaraço. Ainda não chegamos ao baixo nível da Europa, nem de Paris, nem do "sistema dos dois filhos", nem de Maomé. Nada descobrimos, porque não lhe demos pensamento. Sentimos que há algo de mau nos dois primeiros meios; mas queremos preservar a família, e nossa visão da mulher é ainda pior.

— Entre nós, a mulher deve ser ao mesmo tempo amante e ama, e sua força não basta. É por isso que temos histeria, ataques nervosos e, entre os camponeses, feitiçaria. Note que, entre as jovens da camponesa, esse estado de coisas não

existe, mas só entre as esposas, e as esposas que vivem com os maridos. A razão é clara, e esta é a causa do declínio intelectual e moral da mulher, e de seu aviltamento.

— Se ao menos refletissem que grande obra é, para a esposa, o período da gestação! Nela se forma o ser que nos continua, e essa obra santa é frustrada e tornada penosa... por quê? É terrível pensar nisso! E depois falam das liberdades e dos direitos da mulher! É como os canibais engordando seus prisioneiros para devorá-los, e assegurando a esses infelizes, ao mesmo tempo, que seus direitos e suas liberdades estão resguardados!

Tudo isso era novo para mim, e me espantou muito.

— Mas, se é assim — disse eu —, segue-se que só se pode amar a esposa uma vez a cada dois anos; e, como o homem...

— E, como o homem tem necessidade dela, o senhor vai dizer. Ao menos é o que asseguram os sacerdotes da ciência. Eu obrigaria esses sacerdotes a cumprir a função dessas mulheres que, na opinião deles, são necessárias ao homem. Gostaria de saber que canção cantariam então. Assegure ao homem que ele precisa de conhaque, tabaco, ópio, e ele acreditará que esses venenos são necessários. Segue-se que Deus não soube arranjar as coisas direito, já que, sem pedir a opinião dos sacerdotes, combinou-as como estão. O homem precisa, decidiram eles, satisfazer seu desejo sensual, e eis que essa função é

perturbada pelo nascimento e pela amamentação dos filhos.

— Que fazer, então? Ora, recorrer aos sacerdotes; eles arranjarão tudo, e realmente descobriram um meio. Quando, então, esses patifes com suas mentiras serão destronados! Já é tempo. Já tivemos o bastante deles. As pessoas enlouquecem e atiram umas nas outras com revólveres, e sempre por causa disso! E como poderia ser de outro modo?

— Dir-se-ia que os animais sabem que a descendência continua sua raça, e que seguem certa lei a esse respeito. Só o homem não sabe disso, e não quer saber. Só lhe importa ter o máximo possível de gozo sensual. O rei da natureza — o homem! Em nome de seu amor, ele mata metade da raça humana. Da mulher, que

deveria ser sua auxiliar no movimento da humanidade rumo à liberdade, ele faz, em nome de seus prazeres, não uma auxiliar, mas uma inimiga. Quem é que, em toda parte, põe um freio ao movimento progressivo da humanidade? A mulher. Por que é assim?

— Pela razão que dei, e só por essa razão.

Capítulo XIV

— Sim, muito pior que o animal é o homem quando não vive como homem. Assim era eu. O horrível é que eu acreditava, na medida em que não me deixava seduzir por outras mulheres, que levava uma vida familiar honesta, que era um ser muito moral, e que, se tínhamos brigas, a culpa era de minha esposa e de seu caráter.

— Mas é evidente que a culpa não era dela. Ela era como todos os demais, como a maioria. Fora criada segundo os princípios exigidos pela situação de nossa sociedade — isto é, como são criadas, sem exceção, todas as jovens de nossas classes abastadas, e como não podem deixar de ser criadas. Quantas vezes

ouvimos ou lemos reflexões sobre a condição anormal das mulheres e sobre o que elas deveriam ser. Mas são apenas palavras vãs. A educação das mulheres resulta da visão real, e não imaginária, que o mundo tem da vocação feminina. Segundo essa visão, a condição da mulher consiste em proporcionar prazer, e é a esse fim que se dirige sua educação. Desde a infância, ensinam-lhe apenas as coisas capazes de aumentar seu encanto. Toda jovem se acostuma a pensar só nisso.

— Assim como os servos eram criados unicamente para agradar aos senhores, assim a mulher é criada para atrair os homens. Não pode ser de outro modo. Mas o senhor dirá, talvez, que isso se aplica apenas às jovens mal-educadas, e

que há outra educação, uma educação séria, nas escolas, uma educação nas línguas mortas, uma educação nas instituições de obstetrícia, uma educação nos cursos de medicina e em outros cursos. É falso.

— Toda espécie de educação feminina tem por único objetivo a atração dos homens.

— Umas atraem pela música ou pelos cabelos cacheados, outras pela ciência ou pela virtude cívica. O objetivo é o mesmo, e não pode ser outro (já que nenhum outro objetivo existe): seduzir o homem para possuí-lo. Imagine cursos de instrução para mulheres e ciência feminina sem homens — isto é, mulheres sábias, e homens que não as conheçam como sábias. Oh, não! Nenhuma

educação, nenhuma instrução pode mudar a mulher enquanto seu mais alto ideal for o casamento e não a virgindade, a libertação da sensualidade. Até lá, ela permanecerá uma serva. Basta imaginar, esquecendo a universalidade do caso, as condições em que nossas jovens são criadas, para não se espantar com a devassidão das mulheres de nossas classes altas. É o contrário que causaria espanto.

— Siga meu raciocínio. Desde a infância: trajes, adornos, asseio, graça, danças, música, leitura de poesias, romances, canto, o teatro, o concerto, para uso interno e externo, conforme as mulheres ouçam ou pratiquem. Com isso, completa ociosidade física, um cuidado excessivo do corpo, um vasto consumo

de doces; e Deus sabe como as pobres donzelas sofrem de sua própria sensualidade, excitada por todas essas coisas. Nove entre dez são torturadas intoleravelmente durante o primeiro período da maturidade, e depois, contanto que não se casem aos vinte anos. É isso o que não queremos ver, mas quem tem olhos vê assim mesmo. E até a maioria dessas infelizes criaturas está tão excitada por uma sensualidade oculta (e é uma sorte se ela é oculta) que não serve para nada. Só se animam na presença dos homens. Toda a sua vida se passa em preparativos para a coqueteria, ou na própria coqueteria. Na presença dos homens, animam-se demais; começam a viver pela energia sensual. Mas, no

momento em que o homem se vai, a vida para.

— E isso não na presença de certo homem, mas na presença de qualquer homem, contanto que não seja de todo horrendo. O senhor dirá que isso é exceção. Não, é regra. Só que, em algumas, se torna muito evidente; em outras, menos. Mas nenhuma vive de sua própria vida; todas dependem do homem. Não podem ser de outro modo, já que, para elas, a atração do maior número de homens é o ideal da vida (jovens e casadas), e é por essa razão que não têm sentimento mais forte que o da necessidade animal de toda fêmea que tenta atrair o maior número de machos, a fim de aumentar as oportunidades de escolha. Assim é na vida das jovens, e

assim continua durante o casamento. Na vida das jovens, é necessário para a seleção; e no casamento, para governar o marido. Só uma coisa suprime ou interrompe por um tempo essas tendências — a saber, os filhos —, e mesmo assim só quando a mulher não é um monstro, isto é, quando amamenta os próprios filhos. Aqui, de novo, o médico interfere.

— Com minha esposa, que desejava amamentar os próprios filhos, e que amamentou seis deles, aconteceu que o primeiro filho era doentio. Os médicos, que a despiam cinicamente e a apalpavam por toda parte, e a quem eu tinha de agradecer e pagar por esses atos — esses queridos médicos decidiram que ela não devia amamentar o filho, e ela foi

temporariamente privada do único remédio contra a coqueteria. Uma ama terminou de amamentar esse primogênito — isto é, aproveitamos a pobreza e a ignorância de uma mulher para roubá-la de seu próprio pequeno em favor do nosso, e para esse fim vestimo-la com um *kokóchnik*¹¹ enfeitado de fio de ouro. De todo modo, não é essa a questão; mas despertou-se de novo, em minha esposa, aquela coqueteria que adormecera durante o período da amamentação. Graças a isso, ela reavivou em mim os tormentos do ciúme que eu antes conhecera, embora em grau muito menor.

Capítulo XV

— Sim, o ciúme, esse é outro dos segredos do casamento conhecido por todos e ocultado por todos. Além da causa geral do ódio mútuo entre maridos e esposas, resultante da cumplicidade na poluição de um ser humano, e também de outras causas, a fonte inesgotável das feridas conjugais é o ciúme. Mas, por tácito consenso, resolve-se ocultá-lo de todos, e nós o ocultamos. Conhecendo-o, cada um supõe em si mesmo que é uma peculiaridade infeliz, e não um destino comum. Assim foi comigo, e assim tinha de ser. Não pode deixar de haver ciúme entre maridos e esposas que vivem imoralmente. Se não conseguem sacrificar seus prazeres pelo bem-estar

do filho, concluem daí, e com razão, que não sacrificarão seus prazeres — não digo pela felicidade e pela tranquilidade (já que se pode pecar em segredo), mas nem mesmo pela consciência. Cada um sabe muito bem que nenhum dos dois admite razões morais elevadas para não trair o outro, já que, em suas relações mútuas, faltam às exigências da moralidade e, a partir daí, desconfiam e se vigiam um ao outro.

— Oh, que sentimento terrível é o ciúme! Não falo daquele ciúme real que tem fundamentos (é atormentador, mas promete uma saída), mas daquele ciúme inconsciente que inevitavelmente acompanha todo casamento imoral e que, não tendo causa, não tem fim. Esse ciúme é terrível. Terrível, é a palavra.

— E é assim. Um rapaz fala com minha esposa. Olha para ela com um sorriso e, ao que me parece, examina-lhe o corpo. Como ousa ele pensar nela, pensar na possibilidade de um romance com ela? E como pode ela, vendo isso, tolerá-lo? Não só o tolera, mas parece satisfeita. Vejo até que ela se dá ao trabalho de agradá-lo. E em minha alma sobe tal ódio por ela que cada uma de suas palavras, cada gesto, me repugna. Ela o percebe, não sabe o que fazer — e como assumir um ar de animação indiferente? Ah! Eu sofro! Isso a deixa alegre, ela está contente. E meu ódio decuplica, mas não ousa dar-lhe livre curso, porque no fundo da alma sei que não há razões reais para ele, e permaneço no meu lugar, fingindo

indiferença e exagerando minha atenção e minha cortesia para com ele.

— Depois fico irritado comigo mesmo. Desejo deixar a sala, deixá-los a sós, e de fato saio; mas mal estou do lado de fora sou invadido pelo medo do que possa estar acontecendo na minha ausência. Entro de novo, inventando algum pretexto. Ou às vezes não entro; fico perto da porta e escuto. Como pode ela humilhar-se e humilhar-me, colocando-me nesta situação covarde de suspeita e espionagem? Oh, que abominação! Oh, o animal perverso! E ele, o que pensa de você? Mas ele é como todos os homens. É o que eu era antes do casamento. Aquilo lhe dá prazer. Ele até sorri quando olha para mim, como quem diz: "Que tem você com isto? Agora é a minha vez."

— Esse sentimento é horrível. Sua queimadura é insuportável. Bastava-me alimentar esse sentimento por alguém, suspeitar uma só vez de que um homem cobiçava minha esposa, para que esse homem ficasse estragado para sempre aos meus olhos, como se tivesse sido salpicado de vitríolo. Bastava eu tornar-me ciumento de um ser, e nunca mais poderia restabelecer com ele relações humanas simples, e meus olhos faiscavam quando o olhava.

— Quanto à minha esposa, tantas vezes eu a envolvera com esse vitríolo moral, com esse ódio ciumento, que ela ficara aviltada por isso. Nos períodos desse ódio sem causa, eu gradualmente a destronava. Cobria-a de vergonha em minha imaginação.

— Inventava velhacarias impossíveis. Suspeitava, tenho vergonha de dizê-lo, que ela, esta rainha das "Mil e Uma Noites", me enganava com meu servo, sob os meus próprios olhos, rindo de mim.

— Assim, a cada novo acesso de ciúme (falo sempre do ciúme sem causa), eu entrava no sulco antes cavado por minhas suspeitas imundas, e o aprofundava continuamente. Ela fazia o mesmo. Se eu tinha razões para ter ciúme, ela, que conhecia o meu passado, tinha mil vezes mais. E era mais malévola em seu ciúme do que eu. E os sofrimentos que eu sentia por causa do ciúme dela eram diferentes, e igualmente muito dolorosos.

— A situação pode descrever-se assim. Vivemos mais ou menos tranquilos. Estou até alegre e contente. De repente

iniciamos uma conversa sobre um assunto banalíssimo, e logo ela se vê discordando de mim em coisas sobre as quais geralmente estávamos de acordo. E, além disso, vejo que, sem necessidade alguma, ela se irrita. Penso que tem um ataque nervoso, ou então que o assunto da conversa lhe é realmente desagradável. Falamos de outra coisa, e aquilo recomeça. De novo ela me atormenta e se irrita. Espanto-me e procuro uma razão. Por quê? Para quê? Ela guarda silêncio, responde-me com monossílabos, fazendo evidentemente alusão a alguma coisa. Começo a adivinhar que a razão de tudo isso é que eu dera alguns passeios no jardim com a prima dela, em quem eu nem sequer pensara. Começo a adivinhar, mas não

posso dizê-lo. Se o disser, confirmo suas suspeitas. Interrogo-a, questiono-a. Ela não responde, mas vê que compreendi, e isso confirma suas suspeitas.

— "O que há com você?", pergunto.

— "Nada, estou como sempre", responde ela.

— E, ao mesmo tempo, como uma louca, dá vazão às observações mais tolas, às explosões de rancor mais inexplicáveis.

— Às vezes sou paciente, mas outras vezes exploro de raiva. Então a própria irritação dela se derrama num dilúvio de insultos, em acusações de crimes imaginários, tudo levado ao mais alto grau por soluços, lágrimas e retiradas pela casa fora para os lugares mais improváveis. Vou procurá-la. Tenho

vergonha diante das pessoas, diante dos filhos, mas não há o que fazer. Ela está num estado em que sinto que é capaz de tudo. Corro, e por fim a encontro. Seguem-se noites de tortura, em que ambos, com os nervos esgotados, nos apaziguamos um ao outro, depois das palavras e acusações mais cruéis.

— Sim, o ciúme, o ciúme sem causa, é a condição de nossa vida conjugal devassa. E, ao longo de todo o meu casamento, nunca deixei de senti-lo e de sofrer com ele. Houve dois períodos em que sofri mais intensamente. O primeiro foi depois do nascimento do nosso primeiro filho, quando os médicos haviam proibido minha esposa de amamentá-lo. Eu estava particularmente ciumento, em primeiro lugar porque minha esposa sentia aquela

inquietação própria da matéria animal quando o curso regular da vida é interrompido sem motivo. Mas sobretudo tinha ciúme porque, tendo visto com que facilidade ela se livrara de seus deveres morais de mãe, concluí, com razão, ainda que inconscientemente, que ela se livraria com a mesma facilidade de seus deveres conjugais; e sentia-me tanto mais seguro disso porque ela estava em perfeita saúde, como o provou o fato de que, apesar da proibição dos queridos médicos, amamentou os filhos seguintes, e até muito bem.

— Vejo que o senhor não tem amor pelos médicos — disse eu, tendo notado a expressão de rosto e o tom de voz extraordinariamente rancorosos de Pózdnichev sempre que falava deles.

— Não é uma questão de amá-los ou não. Eles arruinaram a minha vida, tal como arruinaram as vidas de milhares de seres antes de mim, e não posso deixar de ligar a consequência à causa. Concebo que eles desejem, como os advogados e os demais, ganhar dinheiro. Eu de bom grado lhes teria dado metade da minha renda — e qualquer um o teria feito em meu lugar, compreendendo o que fazem — se tivessem consentido em não se meter em minha vida conjugal e em manter-se à distância. Não compilei estatísticas, mas conheço dezenas de casos — na verdade, são inumeráveis — em que mataram, ora uma criança no ventre da mãe, afirmando categoricamente que a mãe não poderia dá-la à luz (quando a mãe poderia dá-la à

luz muito bem), ora as próprias mães, sob o pretexto de uma suposta operação. Ninguém contou esses assassinios, tal como ninguém contou os assassinios da Inquisição, porque se supunha que eram cometidos em benefício da humanidade. Inumeráveis são os crimes dos médicos! Mas todos esses crimes nada são comparados à desmoralização materialista que introduzem no mundo por meio das mulheres. Nada digo do fato de que, se fôssemos seguir os conselhos deles — graças ao micróbio que veem por toda parte —, a humanidade, em vez de tender à união, iria direto à completa desunião. Todos, segundo a doutrina deles, deveriam isolar-se e nunca afastar da boca uma seringa cheia de ácido fênico (aliás, descobriram agora que isso

não adianta nada). Mas eu passaria por cima de todas essas coisas. O supremo veneno é a perversão das pessoas, sobretudo das mulheres. Já não se pode dizer agora: "Você vive mal, viva melhor." Já não se pode dizê-lo nem a si mesmo nem aos outros, pois, se você vive mal (dizem os médicos), a causa está no sistema nervoso ou em algo semelhante, e é preciso ir consultá-los, e eles lhe prescreverão trinta e cinco copeques de remédios a comprar na farmácia, e você deve engoli-los. Sua condição piora? De novo aos médicos, e mais remédios! Um excelente negócio!

— Mas voltemos ao nosso assunto. Eu dizia que minha esposa amamentava bem os filhos, que a amamentação e a gestação dos filhos, e os filhos em geral, aplacavam

meus tormentos de ciúme, mas que, por outro lado, provocavam tormentos de outra espécie.

Capítulo XVI

— Os filhos vinham depressa, um após o outro, e acontecia o que acontece em nossa sociedade com os filhos e os médicos. Sim, os filhos, o amor materno, é coisa dolorosa. Os filhos, para uma mulher de nossa sociedade, não são uma alegria, um orgulho, nem um cumprimento de sua vocação, mas uma causa de medo, ansiedade e sofrimento interminável, tortura. As mulheres o dizem, o pensam, e também o sentem. Os filhos, para elas, são realmente uma tortura, não porque não queiram dá-los à luz, amamentá-los e cuidar deles (mulheres com um forte instinto materno — e assim era minha esposa — estão prontas a fazê-lo), mas porque os filhos

podem adoecer e morrer. Não querem dá-los à luz para depois não amá-los; e, quando amam, não querem sentir medo pela saúde e pela vida do filho. É por isso que não querem amamentá-los. "Se eu o amamentar", dizem, "ficarei fond demais dele." Dir-se-ia que preferem filhos de borracha, que não pudessem adoecer nem morrer, e que pudessem sempre ser consertados. Que confusão no cérebro dessas pobres mulheres! Por que tais abominações para evitar a gravidez e para evitar o amor pelos pequeninos?

— O amor, o mais alegre estado da alma, é representado como um perigo. E por quê? Porque, quando um homem não vive como homem, é pior que uma besta. Uma mulher não consegue olhar um filho senão como um prazer. É verdade que é

doloroso dá-lo à luz, mas que mãozinhas!... Oh, as mãozinhas! Oh, os pezinhos! Oh, seu sorriso! Oh, seu corpinho! Oh, seu balbucio! Oh, seu soluço! Numa palavra, é um sentimento de maternidade animal, sensual. Mas, quanto a alguma ideia sobre a significação misteriosa do aparecimento de um novo ser humano para nos substituir, disso mal há um sinal.

— Nada disso aparece em tudo o que se diz e se faz. Ninguém tem mais fé, agora, no batismo do filho, e, no entanto, aquilo nada mais era do que um lembrete da significação humana do recém-nascido.

— Rejeitaram tudo isso, mas não o substituíram, e restam apenas os vestidos, as rendas, as mãozinhas, os pezinhos, e tudo o que existe no animal.

Mas o animal não tem imaginação, nem previsão, nem razão, nem médico.

— Não! Nem mesmo um médico! O pintinho pende a cabeça, esmagado, ou o bezerro morre; a galinha cacareja e a vaca muge por um tempo, e depois esses bichos continuam a viver, esquecidos do que aconteceu.

— Entre nós, se o filho adoece, que fazer, como cuidar dele, que médico chamar, aonde ir? Se ele morre, não haverá mais mãozinhas nem pezinhos, e então para que serviram os sofrimentos suportados? A vaca não faz todas essas perguntas, e é por isso que os filhos são fonte de miséria. A vaca não tem imaginação, e por essa razão não pode pensar como poderia ter salvo o filho se tivesse feito isto ou aquilo, e seu pesar,

fundado em seu ser físico, dura pouquíssimo tempo. É apenas uma condição, e não aquela tristeza que se exagera até o desespero, graças à ociosidade e à saciedade. A vaca não tem aquela faculdade de raciocínio que lhe permitiria perguntar o porquê. Para que suportar todas essas torturas? De que serviu tanto amor, se os pequeninos iam morrer? A vaca não tem lógica que lhe diga para não ter mais filhos e, se algum vier por acaso, para não amá-lo nem amamentá-lo, a fim de não sofrer. Mas nossas esposas raciocinam, e raciocinam desse modo, e é por isso que eu disse que, quando um homem não vive como homem, está abaixo do animal.

— Mas, então, como é necessário agir, na sua opinião, para tratar os filhos humanamente? — perguntei.

— Como? Ora, amá-los humanamente.

— Pois bem, as mães não amam os filhos?

— Não os amam humanamente, ou muito raramente o fazem, e é por isso que não os amam nem sequer como cães. Note bem: uma galinha, uma gansa, uma loba serão sempre, para a mulher, ideais inacessíveis de amor animal. É coisa rara uma mulher lançar-se, com risco da própria vida, sobre um elefante para arrancar-lhe o filho, ao passo que uma galinha ou um pardal não deixará de voar contra um cão e sacrificar-se inteiramente por seus filhotes. Observe também isto. A mulher tem o poder de

limitar seu amor físico pelos filhos, o que o animal não pode fazer. Quer isso dizer que, por causa disso, a mulher é inferior ao animal? Não. Ela é superior (e mesmo dizer superior é injusto: não é superior, é diferente), mas tem outros deveres, deveres humanos. Ela pode conter-se no tocante ao amor animal e transferir seu amor para a alma do filho. É isso o que o papel da mulher deveria ser, e é precisamente o que não vemos em nossa sociedade. Lemos sobre os atos heroicos de mães que sacrificam os filhos em nome de uma ideia superior, e essas coisas nos parecem contos do mundo antigo, que não nos dizem respeito. E, no entanto, creio que, se a mãe não tem algum ideal em nome do qual possa sacrificar o sentimento animal, e se essa força não

encontra emprego, ela a transferirá para tentativas quiméricas de preservar fisicamente o filho, auxiliada nessa tarefa pelo médico, e sofrerá como de fato sofre.

— Assim era com minha esposa. Houvesse um filho ou cinco, o sentimento permanecia o mesmo. Na verdade, era um pouco melhor quando havia cinco. A vida estava sempre envenenada pelo medo pelos filhos, não só por suas doenças reais ou imaginárias, mas até por sua simples presença. De minha parte, ao menos, ao longo de toda a minha vida conjugal, todos os meus interesses e toda a minha felicidade dependiam da saúde dos filhos, de sua condição, de seus estudos. Os filhos, é escusado dizer, são uma consideração séria; mas todos devem viver, e, em nossos dias, os pais já

não podem viver. A vida regular não existe para eles. Toda a vida da família pende de um fio. Que coisa terrível é receber de repente a notícia de que o pequeno Vassíli está vomitando, ou de que a Lise tem cólica no estômago! No mesmo instante você abandona tudo, esquece tudo, tudo se torna nada. O essencial é o médico, o clister, a temperatura. Você não consegue iniciar uma conversa sem que o pequeno Pierre entre correndo, com ar aflito, para perguntar se pode comer uma maçã, ou que casaco deve vestir; ou então é a criada que entra com um bebê aos berros.

— A vida familiar regular e estável não existe. Onde você vive, e por conseguinte o que você faz, depende da saúde dos pequeninos; a saúde dos pequeninos não

depende de ninguém, e, graças aos médicos, que fingem auxiliar a saúde, toda a sua vida é perturbada. É um perigo perpétuo. Mal nos julgamos fora dele, e um novo perigo surge: mais tentativas de salvação. Sempre a situação de marinheiros num navio que afunda. Às vezes parecia-me que aquilo era feito de propósito, que minha esposa fingia ansiedade para me subjugar, já que isso resolvia a questão de modo tão simples em seu proveito. Parecia-me que tudo o que ela fazia naqueles momentos era feito pelo efeito que causaria em mim; mas agora vejo que ela própria, minha esposa, sofria e se torturava por causa dos pequeninos, de sua saúde e de suas doenças.

— Uma tortura para nós dois; mas, para ela, os filhos eram também um meio de esquecer-se de si mesma, como uma embriaguez. Muitas vezes notei, quando ela estava muito triste, que se aliviava, quando um filho adoecia, por poder refugiar-se nessa embriaguez. Era uma embriaguez involuntária, porque então não havia outra coisa. De todos os lados ouvíamos que a senhora Fulana perdera filhos, que o doutor Beltrano salvara o filho da senhora Sicrana, e que em certa família todos se haviam mudado da casa em que viviam, e assim salvado os pequeninos. E os médicos, com ar sério, confirmavam isso, sustentando minha esposa em suas opiniões. Ela não era propensa ao medo, mas o médico deixava escapar alguma palavra, como corrupção

do sangue, escarlatina, ou então — Deus nos acuda — difteria, e lá se ia ela.

— Era impossível que fosse de outro modo. As mulheres, nos velhos tempos, tinham a crença de que "Deus deu, Deus levou", de que a alma do anjinho vai para o céu, e de que é melhor morrer inocente do que morrer em pecado. Se as mulheres de hoje tivessem algo como essa fé, poderiam suportar mais serenamente a doença dos filhos. Mas de tudo isso não resta sequer um traço. E, no entanto, é preciso acreditar em algo; por conseguinte, acreditam estupidamente na medicina, e nem sequer na medicina, mas no médico. Uma acredita em X, outra em Z, e, como todos os crentes, não veem a idiotia de suas crenças. Creem *quia absurdum*, porque, na realidade, se não

cressem de modo estúpido, veriam a vaidade de tudo o que esses bandidos lhes prescrevem. A escarlatina é uma doença contagiosa; assim, quando se vive numa grande cidade, metade da família tem de mudar-se de sua residência (nós o fizemos duas vezes), e, no entanto, cada homem na cidade é um centro pelo qual passam inúmeros diâmetros, carregando fios de toda espécie de contágios. Não há obstáculo: o padeiro, o alfaiate, o cocheiro, as lavadeiras.

— E eu me comprometeria, para cada homem que se muda por causa de contágio, a encontrar em sua nova morada outro contágio semelhante, se não o mesmo.

— Mas isso não é tudo. Todos conhecem gente rica que, depois de um

caso de difteria, destrói tudo em suas residências, e depois adoece em casas recém-construídas e mobiliadas. Todos conhecem, igualmente, muitos homens que entram em contato com doentes e não se infectam. Nossas ansiedades se devem às pessoas que fazem circular histórias exageradas. Uma mulher diz que tem um médico excelente. "Perdão", responde a outra, "ele matou tal pessoa", ou tal outra. E vice-versa. Traga-lhe outro, que não sabe mais, que aprendeu nos mesmos livros, que trata segundo as mesmas fórmulas, mas que anda de carruagem e cobra cem rublos por visita, e ela terá fé nele.

— Tudo isso reside no fato de que nossas mulheres são selvagens. Não têm fé em Deus, mas algumas creem no mau-

olhado, e as outras em médicos que cobram altos honorários. Se tivessem fé, saberiam que a escarlatina, a difteria, etc., não são tão terríveis, já que não podem perturbar aquilo que o homem pode e deve amar — a alma. Delas só pode resultar aquilo que nenhum de nós pode evitar — a doença e a morte. Sem fé em Deus, amam apenas fisicamente, e toda a sua energia se concentra na preservação da vida, que não pode ser preservada, e que os médicos prometem aos tolos de ambos os sexos salvar. E, a partir daí, não há o que fazer; os médicos têm de ser chamados.

— Assim, a presença dos filhos não só não melhorava nossas relações de marido e mulher, mas, ao contrário, nos desunia. Os filhos tornavam-se uma causa

adicional de disputa e, quanto maiores cresciam, mais se tornavam um instrumento de luta.

— Dir-se-ia que os usávamos como armas com que combater um ao outro. Cada um de nós tinha seu favorito. Eu me valia do pequeno Vassíli (o mais velho), ela da Lise. Além disso, quando os filhos chegavam a uma idade em que seus caracteres começavam a se definir, tornavam-se aliados que atraíamos, cada um para o seu lado. Sofriam horivelmente com isso, os pobrezinhos, mas nós, em nossa algazarra perpétua, não tínhamos a cabeça bastante clara para pensar neles. A menina era dedicada a mim, mas o menino mais velho, que se parecia com minha esposa, seu favorito, muitas vezes me inspirava aversão.

Capítulo XVII

— Vivíamos a princípio no campo, depois na cidade e, se a desgraça final não tivesse acontecido, eu teria vivido assim até a velhice e então acreditaria ter tido uma boa vida — não boa demais, mas, por outro lado, não má — uma existência como a que as outras pessoas levam. Eu não teria compreendido o abismo de infelicidade e de ignóbil falsidade em que me debatia, sentindo que algo não estava certo. Sentia, em primeiro lugar, que eu, um homem que, segundo minhas ideias, deveria ser o senhor, usava as saias, e que não conseguia livrar-me delas. A principal causa da minha sujeição eram os filhos. Eu teria gostado de libertar-me, mas não podia. Criando os filhos, e apoiando-se

neles, minha esposa governava. Eu não percebia então que ela não podia deixar de governar, especialmente porque, ao casar-se, era moralmente superior a mim, como toda jovem é incomparavelmente superior ao homem, já que é incomparavelmente mais pura. Coisa estranha! A esposa comum de nossa sociedade é uma pessoa muito banal, ou pior — egoísta, fofoqueira, caprichosa —, ao passo que a jovem comum, até os vinte anos, é um ser encantador, pronto para tudo o que é belo e elevado. Por que é assim? Evidentemente porque os maridos as pervertem e as rebaixam ao seu próprio nível.

— Na verdade, se meninos e meninas nascem iguais, as meninas se encontram

em melhor situação. Em primeiro lugar, a jovem não está submetida às condições pervertedoras a que nós estamos submetidos. Não tem cigarros, nem vinho, nem cartas, nem camaradas, nem casas públicas, nem funções públicas. E depois, o principal é que ela é fisicamente pura, e é por isso que, ao casar-se, é superior ao marido. É superior ao homem como jovem, e, quando se torna esposa em nossa sociedade — onde não há necessidade de trabalhar para viver —, torna-se superior também pela gravidade dos atos da geração, do nascimento e da amamentação.

— A mulher, ao trazer um filho ao mundo e dar-lhe o seio, vê claramente que o seu assunto é mais sério que o assunto do homem, que se senta no

*Zemstvo*¹², no tribunal. Ela sabe que, nessas funções, o principal é o dinheiro, e o dinheiro pode ser ganho de vários modos e, por essa mesma razão, não é inevitavelmente necessário como amamentar um filho. Por conseguinte, a mulher é necessariamente superior ao homem e deve governar. Mas o homem, em nossa sociedade, não só não reconhece isso, como, ao contrário, sempre a olha do alto de sua grandeza, desprezando o que ela faz.

— Assim, minha esposa me desprezava por meu trabalho no *Zemstvo*, porque ela dava à luz e amamentava os filhos. Eu, por minha vez, achava que o trabalho da mulher era o mais desprezível, de que se podia e devia rir.

— Além dos outros motivos, estávamos também separados por um desprezo mútuo. Nossas relações tornavam-se cada vez mais hostis, e chegamos àquele período em que não só a divergência provocava a hostilidade, mas a hostilidade provocava a divergência. Dissesse ela o que dissesse, eu tinha certeza, de antemão, de sustentar a opinião contrária; e ela, o mesmo. Por volta do quarto ano de nosso casamento, ficou tacitamente decidido entre nós que nenhuma comunhão intelectual era possível, e não fizemos mais tentativas nesse sentido. Quanto aos objetos mais simples, cada um se apegava obstinadamente às suas próprias opiniões. Com estranhos, conversávamos sobre os assuntos mais variados e

íntimos, mas não um com o outro. Às vezes, ao ouvir minha esposa conversar com outras pessoas na minha presença, eu dizia a mim mesmo: "Que mulher! Tudo o que ela diz é mentira!" E espantava-me de que a pessoa com quem ela conversava não visse que ela mentia. Quando estávamos juntos, estávamos condenados ao silêncio, ou a conversas que, tenho certeza, poderiam ter sido travadas por animais.

— "Que horas são? É hora de dormir. O que há para o jantar hoje? Aonde vamos? O que há no jornal? É preciso mandar chamar o médico, a Lise está com dor de garganta."

— A menos que nos mantivéssemos dentro dos limites extremamente estreitos de tal conversa, a irritação era

certa. A presença de uma terceira pessoa nos aliviava, pois, por um intermediário, ainda podíamos nos comunicar. Ela provavelmente acreditava estar sempre certa. Quanto a mim, aos meus próprios olhos, eu era um santo ao lado dela.

— Os períodos do que chamamos amor chegavam com a mesma frequência de antes. Eram mais brutais, sem refinamento, sem ornamento; mas eram breves, e geralmente seguidos de períodos de irritação sem causa, irritação alimentada pelos pretextos mais triviais. Tínhamos desavenças por causa do café, da toalha de mesa, da carruagem, dos jogos de cartas — ninharias, em suma, que não podiam ter a menor importância para nenhum de nós. De minha parte, uma execração terrível fervia continuamente

dentro de mim. Eu a observava servir o chá, balançar o pé, levar a colher à boca, soprar os líquidos quentes ou sorvê-los, e a detestava como se aquilo fossem outros tantos crimes.

— Eu não percebia que esses períodos de irritação dependiam, de modo muito regular, dos períodos de amor. Cada um dos últimos era seguido por um dos primeiros. Um período de amor intenso era seguido por um longo período de raiva; um período de amor moderado induzia uma irritação moderada. Não compreendíamos que esse amor e esse ódio eram duas faces opostas do mesmo sentimento animal. Viver assim seria terrível, se compreendêssemos a filosofia disso. Mas não o percebíamos, não o analisávamos. É ao mesmo tempo a

tortura e o alívio do homem que, quando vive de modo irregular, pode acalentar ilusões quanto às misérias de sua situação. Assim fazíamos nós. Ela tentava esquecer-se de si mesma em ocupações súbitas e absorventes, nos deveres domésticos, no cuidado com os móveis, com sua roupa e a dos filhos, na educação destes e na atenção à sua saúde. Eram ocupações que não nasciam de nenhuma necessidade imediata, mas ela as executava como se sua vida e a dos filhos dependessem de que a massa não queimasse, de que uma cortina estivesse pendurada corretamente, de que um vestido fosse um sucesso, de que uma lição estivesse bem aprendida, ou de que um remédio fosse engolido.

— Eu via claramente que, para ela, tudo isso era, mais do que qualquer outra coisa, um meio de esquecer, uma embriaguez, tal como a caça, o jogo de cartas e minhas funções no Zemstvo serviam ao mesmo propósito para mim. É verdade que, além disso, eu tinha uma embriaguez literalmente falando — o tabaco, que eu fumava em grande quantidade, e o vinho, com o qual não me embebedava, mas do qual tomava demais. Vodca antes das refeições, e durante as refeições dois copos de vinho, de modo que uma névoa perpétua ocultava o tumulto da existência.

— Essas novas teorias do hipnotismo, das doenças mentais, da histeria não são simples estupidezes, mas estupidezes perigosas ou perversas. Charcot¹³, tenho

certeza, teria dito que minha esposa era histérica, e de mim teria dito que eu era um ser anormal, e teria querido tratar-me. Mas em nós não havia nada que exigisse tratamento. Toda essa doença mental era o simples resultado do fato de que vivíamos imoralmente. Graças a essa vida imoral, sofriamos e, para sufocar nossos sofrimentos, tentávamos meios anormais que os médicos chamam de "sintomas" de uma doença mental — a histeria.

— Não havia motivo, em tudo isso, para recorrer ao tratamento de Charcot ou de quem quer que fosse. Nem a sugestão nem o brometo teriam sido eficazes em operar nossa cura. O necessário era um exame da origem do mal. É como quando alguém está sentado sobre um prego; se

você vê o prego, vê aquilo que há de irregular em sua vida e o evita. Então a dor para, sem necessidade alguma de sufocá-la. Nossa dor nascia da irregularidade de nossa vida, e também de meu ciúme, minha irritabilidade e a necessidade de me manter num estado de perpétua semiembriaguez pela caça, pelo jogo de cartas e, sobretudo, pelo uso do vinho e do tabaco. Era por causa dessa irregularidade que minha esposa perseguia tão apaixonadamente suas ocupações. As mudanças bruscas de seu humor, da tristeza extrema à alegria extrema, e sua tagarelice, nasciam da necessidade de esquecer-se de si mesma, de esquecer sua vida, na embriaguez contínua de ocupações variadas e brevíssimas.

— Assim vivíamos numa névoa perpétua, na qual não distinguíamos nossa condição. Éramos como dois forçados acorrentados à mesma bola, amaldiçoando um ao outro, envenenando a existência um do outro, e tentando livrar-se um do outro. Eu ainda ignorava que noventa e nove famílias em cada cem vivem no mesmo inferno, e que não pode ser de outro modo. Não aprendera esse fato nem com os outros nem comigo mesmo. As coincidências que se encontram na vida regular, e mesmo na irregular, são surpreendentes. No exato período em que a vida dos pais se torna impossível, torna-se indispensável que eles se mudem para a cidade a fim de educar os filhos. Foi o que fizemos.

Pózdnichev calou-se, e por duas vezes escaparam-lhe, na semiescuridão, suspiros que naquele momento me pareceram soluços reprimidos. Depois continuou.

Capítulo XVIII

— Assim vivíamos na cidade. Na cidade, os infelizes se sentem menos tristes. Pode-se viver ali cem anos sem ser notado, e estar morto há muito tempo antes que alguém o perceba. As pessoas não têm tempo de indagar sobre a sua vida. Estão todas absorvidas. Os negócios, as relações sociais, a arte, a saúde dos filhos, sua educação. E há visitas que é preciso receber e retribuir; é preciso ver este, é preciso ouvir aquele ou aqueloutro. Na cidade há sempre uma, duas ou três celebridades que é indispensável visitar.

— Ora é preciso cuidar de si mesmo, ora cuidar deste ou daquele pequenino, ora é o professor, o preceptor particular, as governantas... e a vida está

absolutamente vazia. Nessa atividade, éramos menos conscientes dos sofrimentos de nossa coabitação. Além disso, no início, tínhamos uma ocupação soberba — a organização da nova moradia —, e depois também as mudanças da cidade para o campo, e do campo para a cidade.

— Assim passamos um inverno. No inverno seguinte, aconteceu-nos um incidente que passou despercebido, mas que foi a causa fundamental de tudo o que aconteceu depois. Minha esposa estava adoentada, e os patifes (os médicos) não lhe permitiram conceber um filho, e ensinaram-lhe como evitá-lo. Eu estava profundamente enojado. Lutei em vão contra isso, mas ela insistiu de modo frívolo e obstinado, e eu me rendi.

A última justificativa de nossa vida de miseráveis foi assim suprimida, e a vida tornou-se mais baixa do que nunca.

— O camponês e o operário precisam de filhos, e por isso suas relações conjugais têm uma justificativa. Mas nós, quando temos alguns filhos, não precisamos de mais. Eles fazem uma confusão supérflua de despesas e herdeiros conjuntos, e são um embaraço. Por conseguinte, não temos desculpas para nossa existência de miseráveis, mas estamos tão profundamente aviltados que não vemos a necessidade de uma justificativa. A maioria das pessoas na sociedade contemporânea entrega-se a essa devassidão sem o menor remorso. Não nos resta consciência, exceto, por assim dizer, a consciência da opinião

pública e do código penal. Mas, nesta matéria, nenhuma dessas duas consciências é atingida. Não há um ser na sociedade que se envergonhe disso. Cada um o pratica — X, Y, Z, etc. De que serve multiplicar mendigos e privar-nos das alegrias da vida social? Não há necessidade de ter consciência diante do código penal, nem de temê-lo: moças de baixa condição, esposas de soldados que atiram os filhos em lagoas ou poços, essas certamente devem ser postas na prisão. Mas, entre nós, a supressão é efetuada a tempo e como convém.

— Assim passamos mais dois anos. O método prescrito pelos patifes evidentemente dera certo. Minha esposa engordara e ficara mais bonita. Era a beleza do fim do verão. Ela o sentia, e

prestava muita atenção à sua pessoa. Adquirira aquela beleza provocante que agita os homens. Estava em todo o brilho da esposa de trinta anos que não concebe filhos, come fartamente e está excitada. Só de vê-la, bastava para assustar. Era como um fogoso cavalo de carruagem que há muito estava ocioso e de repente se vê sem freio. Quanto à minha esposa, ela não tinha freio, como, aliás, noventa e nove centésimos de nossas mulheres não têm.

Capítulo XIX

O rosto de Pózdnichev transformara-se; seus olhos eram lastimáveis; sua expressão parecia estranha, como a de outro ser que não ele; o bigode e a barba retorciam-se para o alto do rosto; o nariz diminuía, e a boca alargara-se, imensa, medonha.

— Sim — retomou ele —, ela engordara desde que deixara de conceber, e suas ansiedades pelos filhos começaram a desaparecer. Nem mesmo a desaparecer. Dir-se-ia que despertava de uma longa embriaguez, que, ao voltar a si, percebera o universo inteiro com suas alegrias, um mundo inteiro no qual não aprendera a viver e que não compreendia.

— "Se ao menos este mundo não se desvanecer! Quando o tempo passa, quando vem a velhice, não se pode recuperá-lo." Assim, creio eu, ela pensava, ou antes, sentia. Aliás, não podia pensar nem sentir de outro modo. Fora criada na ideia de que há no mundo uma só coisa digna de atenção — o amor. Ao casar-se, conhecera algo desse amor, mas muito longe de tudo o que compreendera que lhe fora prometido, tudo o que esperava. Quantas decepções! Quanto sofrimento! E uma tortura inesperada — os filhos! Essa tortura a abatera, e depois, graças ao obsequioso médico, ela aprendera que é possível evitar ter filhos. Isso a alegrara. Ela experimentara, e agora revivia para a única coisa que conhecia — o amor. Mas

o amor com um marido poluído pelo ciúme e pela má índole já não era seu ideal. Ela começou a pensar em alguma outra ternura; ao menos, é o que eu pensava. Olhava ao redor como quem espera algum acontecimento ou algum ser. Notei isso, e não pude deixar de ficar ansioso.

— Agora acontecia sempre que, ao conversar comigo por meio de uma terceira pessoa (isto é, conversando com outros, mas com a intenção de que eu ouvisse), ela exprimia com ousadia — sem pensar que uma hora antes dissera o contrário —, meio de brincadeira, meio a sério, esta ideia: que as ansiedades maternas são uma ilusão; que não vale a pena sacrificar a própria vida aos filhos. Quando se é jovem, é preciso desfrutar da

vida. Assim, ela se ocupava menos com os filhos, não com a mesma intensidade de antes, e prestava cada vez mais atenção a si mesma, ao seu rosto — embora o ocultasse —, aos seus prazeres, e até à sua perfeição do ponto de vista mundano. Começou a dedicar-se apaixonadamente ao piano, que antes ficara esquecido no canto. Ali, ao piano, começou a aventura.

— O homem apareceu.

Pózdnichev pareceu embaraçado, e por duas vezes escapou-lhe de novo aquele som nasal de que falei acima. Pensei que lhe fosse penoso referir-se ao homem e recordá-lo. Fez um esforço, como que para derrubar o obstáculo que o embaraçava, e continuou com determinação.

— Ele era um homem mau a meus olhos, e não porque tenha desempenhado um papel tão importante em minha vida, mas porque era realmente assim. De resto, do fato de que era mau, devemos concluir que era irresponsável. Era músico, violinista. Não um músico profissional, mas meio homem do mundo, meio artista. Seu pai, um proprietário rural, era vizinho do meu pai. O pai arruinara-se, e os filhos, três rapazes, foram todos mandados embora. O nosso homem, o mais novo, foi enviado à madrinha em Paris. Ali o colocaram no Conservatório, pois mostrara gosto pela música. Saiu de lá violinista e tocava em concertos.

Prestes a falar mal do outro, Pózdnichev conteve-se, parou e disse de repente:

— Na verdade, não sei como ele vivia. Só sei que, naquele ano, veio à Rússia e veio ver-me. Olhos úmidos em forma de amêndoa, lábios vermelhos sorridentes, um pequeno bigode bem encerado, cabelos penteados à última moda, um rosto vulgarmente bonito — o que as mulheres chamam de "nada mau" —, de compleição fisicamente frágil, mas sem nenhuma deformidade; com quadris largos como os de uma mulher; correto e insinuando-se na intimidade das pessoas o quanto possível, mas com aquele senso aguçado que rapidamente detecta um passo em falso e recua a tempo — um homem, em suma, observador das regras

externas de dignidade, com aquele parisianismo especial que se revela nas botinas abotoadas, numa gravata espalhafatosa, e naquele algo que os estrangeiros apanham em Paris e que, em sua peculiaridade e novidade, sempre exerce influência sobre nossas mulheres. Em seus modos, uma alegria externa e artificial, um jeito, sabe, de referir-se a tudo por insinuações, por fragmentos inacabados, como se tudo o que se diz você já soubesse, recordasse e pudesse suprir as omissões. Pois bem, ele, com sua música, foi a causa de tudo.

— No julgamento, o caso foi apresentado de tal modo que tudo parecia atribuível ao ciúme. É falso — isto é, não de todo falso, mas havia outra coisa. Proferiu-se o veredicto de que eu

era um marido enganado, que eu matara em defesa de minha honra maculada (é assim que dizem na linguagem deles), e assim fui absolvido. Tentei explicar o caso do meu próprio ponto de vista, mas concluíram que eu simplesmente queria reabilitar a memória de minha esposa. As relações dela com o músico, quaisquer que tenham sido, não têm agora nenhuma importância para mim nem para ela. O importante é o que lhe contei. Toda a tragédia se deveu ao fato de que esse homem entrou em nossa casa num momento em que um imenso abismo já fora cavado entre nós, aquela tensão terrível de ódio mútuo em que o menor motivo bastava para precipitar a crise. Nossas brigas dos últimos dias eram algo terrível, e tanto mais espantosas porque

eram seguidas de uma paixão brutal, extremamente tensa. Se não tivesse sido ele, algum outro teria vindo. Se o pretexto não tivesse sido o ciúme, eu teria descoberto outro. Insisto neste ponto: que todos os maridos que vivem a vida conjugal que eu vivi devem ou recorrer à devassidão externa, ou separar-se das esposas, ou tirar a própria vida, ou tirar a vida das esposas, como eu fiz. Se há alguém em meu caso a quem isso não acontece, é uma exceção rara, pois, antes de terminar como terminei, estive várias vezes à beira do abismo, e minha esposa fez várias tentativas de envenenar-se.

Capítulo XX

Ele parecia ansioso por reunir forças antes de contar o que sabia. Depois de um curto silêncio, continuou:

— Eu me sentia particularmente indisposto naquele dia. Voltamos tarde do campo. As relações entre mim e minha esposa estavam, naquele momento, especialmente tensas. Era o segundo ano de nossa vida na cidade. Chegando em casa, notei que ela estava taciturna e séria, com aquela beleza especial que a limpeza e o cuidado do corpo lhe davam. Ela me lançou um olhar hostil, mas eu não disse nada, para não começar uma disputa.

— Não me lembro exatamente da causa que reacendeu a nossa hostilidade. Não

havia causa. Foi apenas a transformação do amor em ódio; foi terrível. Fiquei espantado com o estado de espírito hostil em que ela estava. Isso era tão frequente e sem motivo que, dessa vez, sem razão nenhuma, notei-o especialmente, e nossa disputa foi mais penosa do que de costume. Depois disso, saí para tratar de meus negócios. Ao voltar para o jantar, encontramos-nos pela primeira vez desde a briga. Ela sentou-se à mesa, e eu também. Na presença dos filhos e da governanta, iniciamos uma conversa que ainda tinha caráter de hostilidade, mas em que ambos nos continhamos, sentindo que era impossível entrar em explicações.

— Depois do jantar chegou aquele violinista. Trazia consigo o violino.

Sentamo-nos, e a conversa girou em torno da música. Ela pediu-lhe que tocasse algo. Ele consentiu, e minha esposa acompanhou-o ao piano. Enquanto tocavam, olhei para ela e para ele. Ela estava especialmente animada, e ele... havia entre eles aquela alegria comum, aquela cumplicidade que a harmonia dos sons cria entre os que os produzem.

— Naquela noite, notei que os dois se acercavam um do outro, atraídos pela música. Nada de particular foi dito, mas eu vi que ele era, para ela, um homem, e que a atração acabaria por surgir. Isso me perturbou, mas apesar de tudo eu estava, naquela noite, num estado de espírito mais tranquilo do que de costume. Convidei-o a vir tocar de novo, e a trazer

o violino, para que pudéssemos ouvi-lo. Minhas próprias palavras me espantaram, mas eu as disse.

— Ele veio à noite seguinte com o violino, e depois começou a vir com frequência. Organizamos veladas musicais. Minha esposa tocava razoavelmente bem, e ele muito bem. Havia sempre em nossas veladas, além dele, um ou dois amigos, e também a irmã de minha esposa e o marido dela. Aos olhos do mundo, tudo era perfeitamente correto e comum, e nada dava lugar à menor suspeita. Mas eu sabia que, a cada nota que tocavam juntos, algo se passava entre eles.

Capítulo XXI

— Uma noite, sabendo que ela precisava sair, decidi ir a uma reunião a que fora convidado. Ao voltar, o criado disse-me que Trukhatchévski estava lá e que se fora havia pouco. Essa notícia, em vez de causar-me pena, aumentou de modo estranho minha tranquilidade. O fato de que já se fora, de que não ficara para o jantar, deu-me satisfação.

— Na noite seguinte, ele veio de novo. Trazia consigo o violino, e tocaram juntos a Sonata a Kreutzer, de Beethoven. Conhece o senhor o primeiro *presto*? Conhece? — exclamou ele. — Oh! Oh! É uma peça terrível, essa sonata. Especialmente esse trecho. E, em geral, a música é uma coisa terrível. Não sei

explicar o que é. A música não é nem uma elevação da alma, nem um repouso da alma, como pretendem os estetas; é uma excitação. Como direi? A música me faz esquecer-me de mim mesmo, minha verdadeira condição; ela me transporta a um estado que não é o meu. Sob a influência da música, parece-me sentir o que na realidade não sinto, compreender o que não compreendo, poder fazer o que não posso fazer.

— Explico isso pelo fato de que a música age como o bocejo, como o riso: eu não tenho sono, mas bocejo se vejo alguém bocejar; sem motivo de rir, rio se ouço alguém rir.

— A música me transporta imediatamente ao estado de alma em que se encontrava aquele que a compôs.

Confundo minha alma com a dele, e sou levado com ele de um estado a outro; mas por que assim, não sei. Aquele que compôs a Sonata a Kreutzer, Beethoven, sabia por que se encontrava naquele estado. Foi esse estado que o levou a certos atos, e por isso esse estado tinha para ele um sentido; para mim, não tem nenhum. E é por isso que a música apenas excita, e não conclui nada. Toca-se uma marcha militar; os soldados marcham ao seu compasso, e a música alcançou seu objetivo. Toca-se uma dança; danço, e a música alcançou seu objetivo. Canta-se uma missa; comungo, e também aqui a música alcançou seu objetivo. Mas fora disso não há senão a excitação, e não se sabe o que fazer nesse estado de

excitação. Eis por que a música é às vezes tão terrível, tão homicida.

— Na China, a música é assunto de Estado. E assim deve ser. Pode-se admitir que o primeiro que aparece hipnotize uma ou várias pessoas e depois faça delas o que quiser? E sobretudo que o primeiro imoral que aparece seja o hipnotizador?

— É um poder terrível nas mãos de qualquer um. Por exemplo, como se poderia permitir tocar essa Sonata a Kreutzer, o primeiro *presto*, num salão, diante de damas decotadas, e depois aplaudir, e depois comer sorvetes e conversar sobre a última fofoca? Essas coisas só deveriam ser tocadas em circunstâncias graves e solenes, e apenas quando fosse necessário produzir certos atos importantes que corresponderem a

tal música. Tocá-la e fazer aquilo a que ela impele. De outro modo, a evocação de uma energia, de um sentimento que não se harmoniza nem com o lugar nem com o momento, e a que não se dá saída, não pode deixar de agir de modo funesto. Sobre mim, ao menos, essa peça produziu uma ação terrível. Pareceu-me descobrir sentimentos inteiramente novos, possibilidades novas que eu ignorava até então. "Sim, é assim mesmo; não é de modo algum como eu vivia e pensava, mas assim", parecia dizer-me uma voz interior. Que era aquela coisa nova que eu assim aprendera, fui incapaz de explicar a mim mesmo, mas a consciência daquele novo estado me enchia de alegria. Todas aquelas mesmas pessoas, entre elas

minha esposa e ele, apareciam-me sob uma luz nova.

— Depois desse *presto*, tocaram o belo, mas comum e nada original, *andante*, com suas variações banais, e o *finale*, fraquíssimo. Depois, a pedido dos convidados, tocaram ainda uma elegia de Ernst e algumas outras peças. Tudo isso era bom, mas não me produziu nem a centésima parte da impressão do primeiro trecho. Tudo se passou sobre o fundo da impressão produzida pelo primeiro trecho.

— Senti-me leve e alegre durante toda a noite. Quanto à minha esposa, nunca a vi como estava naquela noite. Aqueles olhos brilhantes, aquela severidade, aquela expressão significativa enquanto tocava, e aquela languidez completa,

aquele sorriso fraco, lastimável e feliz depois que terminaram. Vi tudo isso, mas não lhe atribuí nenhum sentido, exceto o de que ela sentia o que eu sentia, o de que a ela, como a mim, se revelavam, como se recordassem, sentimentos novos ainda não experimentados. A noite terminou de modo satisfatório, e todos partiram.

— Sabendo que eu tinha de partir dois dias depois para a reunião do *Zemstvo*, Trukhatchévski disse-me, ao despedir-se, que esperava, em sua próxima vinda, renovar o prazer daquela noite. Concluí disso que ele não julgava possível vir à minha casa durante a minha ausência, e isso me foi agradável. Assim, não voltaria antes que eu regressasse.

— E eis que eu partia. Despedi-me de minha esposa no estado de espírito mais

alegre e tranquilo. Havia entre nós, naquele momento, uma dessas raras aproximações. Ela acompanhou-me com olhar terno e, no momento de partir, quando me inclinei sobre os filhos, ela abraçou-os a todos, alegre, sim, positivamente alegre. Eu não compreendia por quê.

Capítulo XXII

— Na reunião, fiquei sob o estranho domínio daquela alegria interior de que lhe falei, e daquela sensação de paz para com minha esposa. Terminei minha tarefa e, na quinta-feira, dispus-me a voltar para casa. No caminho entre a reunião e minha casa, e sobretudo desde a estação até em casa, um sentimento novo apoderou-se de mim. Ainda não havia nada, mas já se anunciava a coisa terrível que iria acontecer.

— Comecei a pensar em minha esposa e naquele homem, e uma sensação estranha, que eu nunca experimentara, começou a apertar-me o coração. Eu me esforçava por afastar essas ideias, mas não conseguia. E de repente, como se

algo se tivesse partido dentro de mim, comecei a pensar nele, no amor deles, e um ciúme furioso apoderou-se de mim. Nunca eu experimentara tal coisa. Foi um sentimento tão novo, tão terrível, que me apavorei de mim mesmo. Recusava-me a acreditar nele, mas ele estava lá, e uma voz me dizia que aquilo era verdade, que tudo estava consumado.

— Fiquei aterrorizado. Quis descer do trem e voltar, para dizer-lhe: telegrafar. De repente, a certeza de que estava tudo perdido apoderou-se de mim com tanta força que fui tomado de um pavor mortal. Como um louco, comecei a fazer os cálculos mais absurdos: a que distância eu estava dela, o que ela poderia estar fazendo naquele momento. Ao chegar a certa estação, mandei um telegrama,

avisando que chegaria na noite seguinte. Depois disso, um pouco mais calmo, continuei a viagem.

— Ao anoitecer, entrei num vagão isolado e fiquei a sós com meus pensamentos. Era um vagão limpo, iluminado pela meia-luz. Sentei-me e comecei a pensar. E aquelas ideias, aquelas imagens, atravessavam-me o cérebro com uma rapidez extraordinária. Uma após outra, imagens da mais espantosa nitidez surgiam diante de mim; e cada uma dessas imagens era substituída por outra ainda mais horrível. Não posso lhe contar quanto tempo durou esse tormento. Sei apenas que sofri como talvez ninguém jamais tenha sofrido, e que passei a noite inteira num estado de excitação atroz. Ora me parecia

que ia adormecer, e que ia esquecer minha dor num sono profundo, e no mesmo instante despertava sobressaltado, invadido pela recordação de meu tormento. Ora amaldiçoava a fraca luz do vagão; ora imaginava os pormenores mais odiosos. Ah! Ah! Como sofri!

— Ao chegar a certa estação, desci para tomar um copo d'água e vi um homem. Sentia-me tão perturbado que atribuía a mim mesmo a aparência de um louco. Todos me olhavam com pavor. Voltei ao vagão e recommencei a torturar-me com as mesmas imagens, com o mesmo ciúme, com a mesma dor. Que noite terrível!

Capítulo XXIII

— Chegando à cidade às cinco horas, tomei um fiacre e parti para casa. A viagem de fiacre foi ainda mais terrível. Já não sabia o que fazer. Sentia meu coração bater com uma força extraordinária. A cada instante parecia-me que ele ia estourar. Deixei o fiacre no pátio. Não havia ninguém na casa. Deviam estar todos dormindo. Passava das cinco.

— Entrei pela porta dos fundos. O criado, meio adormecido, dormia num pequeno cômodo perto da cozinha. Perguntei-lhe onde estava a senhora. Respondeu-me que a senhora estava dormindo em seu quarto de dormir. Perguntei-lhe se havia alguém em casa. Respondeu-me que estava

Trukhatchévski. Naquele instante, todo o meu ser se revoltou. Parei diante dele. Meu coração parou de bater; depois recomeçou a bater com uma força terrível, dolorosa.

— Comecei a andar de um lado para o outro. Um pensamento me perseguia: dominar-me, não me trair, ir embora, ficar num hotel, esperar. Não. Era impossível. Uma voz interior me dizia que precisava ir até lá, que precisava vê-los. "É preciso saber a verdade", dizia essa voz. "É preciso acabar com esta vergonha." E eu já não raciocinava. Um sentimento me arrastava.

— Fui à minha sala de trabalho para deixar minha pasta, e ali, sobre a escrivaninha, vi o violino. Guardei minha pasta e tirei da parede um punhal recurvo

de Damasco, embainhado, que pendia entre outros troféus. Não sei bem por que o peguei; nem sequer sabia o que ia fazer. Mas naquele momento eu sabia que faria algo terrível, algo decisivo.

— Aproximei-me da porta do quarto de dormir. E de repente lembrei-me — sim, lembro-me perfeitamente do sentimento que então me possuiu — lembro-me de que, ao aproximar-me daquela porta, tive a impressão de que era um infeliz digno de piedade. Mas logo compreendi que aquilo era hipocrisia, e no mesmo instante outro sentimento se apoderou de mim: uma alegria feroz, a alegria de que, por fim, minha tortura ia terminar, de que agora eu poderia castigá-la, poderia livrar-me dela, poderia dar livre curso à minha raiva. E dei livre curso à

minha raiva. Tornei-me uma fera, uma fera cruel e astuta.

— Não corri à porta em linha reta. Voltei primeiro à sala em busca de algo. Depois, pé ante pé, aproximei-me. Eu andava de meias, para não fazer ruído. Antes de abrir a porta, escutei. Ouvi passar, arrastar-se, um objeto qualquer. Todos dormiam. Ia abrir a porta quando de súbito, atrás de mim, na porta do fundo do corredor, ouvi um ruído. Era a governanta, que se erguia. "Não, é impossível que estejam ali", pensei. Empurrei a porta. Estavam ali.

Capítulo XXIV

— Empurrei a porta. O senhor pode imaginar a cena? Empurrei a porta e, no mesmo instante, ele... Mas não. Desde que me vira do lado de fora, eu já sabia o que iria encontrar, e, no entanto, foi um choque. Encontrei-os sentados. Não, não como eu imaginara. Quando abri a porta, minha imaginação me pintava mil horrores; a realidade era outra. Ao empurrar a porta, ambos, ela e ele, ergueram-se sobressaltados. Ele fez menção de esconder-se atrás dela. Ela ficou onde estava. Sua camisa de dormir estava aberta.

— Não os encontrei em flagrante. Não pude ver nada de decisivo. Mas, para mim, tudo se decidira já naquele primeiro

instante, pela expressão de seus rostos. Aquela expressão dizia que tudo estava consumado, que minha suposição era exata, e que ambos estavam persuadidos de que eu percebera tudo, de que tudo estava perdido para eles.

— Não sei se ele se assustou; mas sei que o rosto de minha esposa exprimia terror, um terror que se misturava a uma espécie de desespero. Por um instante, apenas por um instante, olharam para mim, esperando que eu me fosse. Eu me lembro daquele instante. Depois, aquele terror, aquele desespero, transformaram-se num movimento de irritação. Nem ele nem ela disseram uma palavra. Continuavam a olhar para mim, como perguntando o que iria acontecer.

— Lancei-me sobre ela, sempre ocultando o punhal, para que ele não me impedisse de golpeá-la no lado, sob o peito. Escolhi aquele lugar desde o começo. No momento em que me lancei sobre ela, ele viu, e — o que eu não esperava dele — agarrou-me pelo braço e gritou:

— "Que faz o senhor? Volte a si! Chame alguém!"

— Arranquei-lhe o braço e, sem dizer palavra, precipitei-me sobre ele. Seus olhos encontraram os meus. De repente, ele empalideceu, empalideceu até os lábios. Seus olhos brilharam de modo especial e — o que também eu não esperava — esgueirou-se sob o piano, para fora do quarto. Ia lançar-me em sua

perseguição, mas um peso se pendurou em meu braço esquerdo. Era ela.

— Fiz um esforço. Ela pesou ainda mais e não me largou. Esse obstáculo inesperado, aquele peso, e aquele contato repugnante para mim excitaram-me ainda mais. Eu sentia que estava completamente louco, e que devia estar horrível, e disso me alegrava. Puxei o braço esquerdo com toda a força, e o cotovelo bateu-lhe em cheio no rosto. Ela gritou e largou meu braço. Eu queria correr atrás dele; mas compreendi que seria ridículo correr, de meias, atrás do amante de minha esposa; e eu não queria ser ridículo, queria ser terrível. Apesar de minha fúria, eu tinha consciência da impressão que produzia nos outros, e essa impressão me guiava em parte.

— Voltei-me para ela. Ela caíra sobre o sofá e, apertando com a mão os olhos machucados, olhava-me. Seu rosto exprimia medo e ódio, ódio de mim, como o de um rato quando se ergue a ratoeira em que caiu. Eu não via nela nada senão aquele ódio de mim. Não via nada senão o medo e o ódio que meu amor lhe inspirava. Era o ódio provocado pelo ciúme. Eu ainda me teria contido, talvez, e não teria feito o que fiz, se ela tivesse permanecido em silêncio. Mas ela pôs-se a falar de repente, e agarrou-me a mão que segurava o punhal.

— "Volte a si! Que faz? Que tem o senhor? Não há nada, nada, nada... juro!"

— Eu ainda teria hesitado, mas aquelas últimas palavras, das quais concluí o contrário — isto é, que tudo havia

acontecido —, aquelas palavras exigiam uma resposta. E a resposta devia corresponder ao estado de espírito a que eu me elevara, e que crescia sempre e devia continuar a crescer. A fúria também tem suas leis.

— "Não minta, miserável!", uivei, e agarrei-lhe a garganta com a mão esquerda. Mas ela se soltou. Então, sem largar o punhal, agarrei-a pela garganta com a mão esquerda, derrubei-a para trás e comecei a estrangulá-la. Que duro era o pescoço dela!... Ela agarrou minhas mãos com ambas as suas, arrancando-as de sua garganta, e naquele mesmo instante, como se fosse por causa disso, com o punhal, golpeei-a no lado esquerdo, abaixo das costelas.

— Quando as pessoas dizem que não se lembram do que fazem num acesso de fúria, dizem tolices, falsidades. Eu me lembrava de tudo, e não cessei um só instante de me lembrar. Quanto mais aumentava o vapor de minha fúria, tanto mais brilhante ardia em mim a luz da consciência, à qual eu não podia deixar de ver tudo o que fazia. A cada segundo eu sabia o que fazia. Não posso dizer que sabia de antemão o que iria fazer, mas, no segundo em que agia, e mesmo, parece-me, um pouco antes, eu sabia o que estava fazendo, como que para tornar possível o arrependimento, para poder dizer a mim mesmo depois que eu poderia ter parado. Eu sabia que golpeava abaixo das costelas e que o punhal entraria. No momento em que o fiz, eu

sabia que fazia uma coisa horrível, uma coisa como nunca fizera, e que teria consequências terríveis. Mas essa consciência passou como um relâmpago, e o ato seguiu imediatamente à consciência. E o ato registrou-se com extrema nitidez. Senti, e me lembro, da resistência momentânea do espartilho e de mais alguma coisa, e depois o mergulho da lâmina em algo mole. Ela agarrou o punhal com as mãos, cortou-se com ele, mas não o deteve.

— Por muito tempo, muitos anos depois, quando pensava nisso, eu me sentia gelar de horror. Lembrava-me da vaga impressão de que eu golpeava um ser vivo, de que eu destruía um ser vivo, um ser humano, irreparavelmente. E de que aquilo estava feito, feito para sempre,

e não se podia mais deter. E a consciência atroz de que, para isso, não havia remédio, esse sentimento foi terrível. Ainda hoje o sinto.

Capítulo XXV

— Assim que a golpeei, arranquei rapidamente o punhal, querendo reparar o mal e detê-lo. Fiquei um instante imóvel, esperando o que ia acontecer, e se era possível reparar aquilo. Ela pôs-se de pé com um salto e gritou:

— "Ama! Ele me matou!"

— A ama ouvira o ruído e estava de pé no umbral. Eu continuava de pé, esperando, sem acreditar no que fizera. Mas o sangue jorrou de sob o seu espartilho. Só então compreendi que era irreparável, e no mesmo instante deixei cair o punhal, saí, e sentei-me numa poltrona da sala. Sentei-me e fiquei a olhar. Ouvi que ela se movia. Não corri para lá. Fiquei sentado, esperando não sei

o quê. Passado algum tempo, ela saiu do quarto, apoiando-se na ama. Seu rosto estava lívido; havia sangue em seus lábios. Ela caminhou até a metade da sala e caiu numa poltrona.

— Ela estava certa de que eu ia matá-la também. Mas eu não pensava em matá-la. Ao contrário. Eu me lembro de que naquele momento eu já não sentia raiva alguma. Um vazio terrível apoderou-se de mim. Fiquei sentado, sem pensar em nada.

— Não sei quanto tempo aquilo durou. Ela pediu que a levassem para a cama; deram-lhe alguns cuidados. Ao lado dela, estava a ama. Eu me ergui e caminhei em sua direção. Ela lançou-me um olhar severo e disse:

— "O senhor conseguiu o que queria. Matou-me."

— E aquele belo rosto, que eu tão bem conhecia, exprimia, através do sofrimento físico e mesmo através da proximidade da morte, a mesma censura fria e animalesca, o mesmo ódio que eu tão bem conhecia. Ela morria com o ódio de mim no coração.

— "Quanto aos filhos, não os entregarei ao senhor de qualquer modo... Ela (a irmã) os levará..."

— Quanto ao que mais me tocava, seu amor, sua traição — de tudo isso ela julgava desnecessário falar.

— "Sim, olhe, delicie-se com o que fez", disse ela, olhando para a porta, e soluçou. Na porta estava a irmã, com os filhos. "Sim, veja o que o senhor fez."

— Olhei para os filhos, olhei para o rosto machucado de minha esposa, e pela primeira vez esqueci-me de mim mesmo, de meus direitos, de meu orgulho; pela primeira vez vi nela um ser humano. E tudo o que me ferira antes, todo o meu ciúme, tudo aquilo me pareceu tão insignificante que tive vontade de cair de joelhos, encostar meu rosto no rosto dela e pedir-lhe perdão; mas não ousei fazê-lo.

— Ela calou-se, fechou os olhos, evidentemente sem força para falar mais. Depois seu rosto desfigurado começou a estremecer e a franzir-se. Ela me repeliu debilmente.

— "Por que aconteceu tudo isso? Por quê?"

— "Perdoa-me", disse eu.

— "Perdão! Que tolice!... Só não quero morrer!..."

— Ela ergueu-se, seus olhos brilhantes fixaram-se em mim.

— "Sim, conseguiu o que queria!... Odeio-o! Ah! Ah!", gritou ela, evidentemente já delirando e assustada com alguma coisa.

— Chegaram os médicos. Ela morreu no fim daquela tarde. Antes de morrer — e antes que chegassem os médicos — perdeu a consciência. Foi transportada para a cama. Levaram-na, mas depois voltei a vê-la. Ali, sobre os travesseiros, com as ligaduras que ocultavam o ferimento, jazia seu rosto. Sua fronte pálida, com uma veia azulada, aquela fronte que eu tão bem conhecia, e os cabelos, os belos cabelos abundantes,

úmidos junto às têmporas, o nariz fino e afilado, e os lábios um pouco entreabertos.

— Só então, ao contemplá-la, compreendi tudo o que fizera. Compreendi que fora eu que a matara, que ela estava viva, e que agora estava morta por mim, e que aquilo não podia ser mudado. Não sei descrever o que senti. Afastei-me da cama sem compreender ainda por que me arrancavam dali. Levaram-me embora.

Capítulo XXVI

Pózdnichev estava evidentemente esgotado. Respirava com dificuldade, mas continuou por um esforço de vontade.

— Só quando a vi morta é que compreendi tudo. Compreendi que a matara, que fora por causa de mim que ela, de um ser vivo, quente e ativo, se tornara imóvel, gelada, cor de cera, e que aquilo não se podia reparar nunca, em parte alguma, por meio algum. Quem não passou por isso não pode compreendê-lo... Uh! Uh! Uh!... — exclamou por várias vezes, e depois calou-se.

Ficamos sentados em silêncio por muito tempo. Ele soluçava e tremia diante de mim, sem dizer nada. Seu rosto

estava pálido e alongado, e os maxilares tremiam.

— Sim — disse por fim. — Se eu tivesse sabido o que sei hoje, tudo teria sido diferente. Por nada no mundo eu me teria casado com ela... Não me teria casado, de modo algum.

De novo ficamos calados por muito tempo.

— Pois bem, eis o que fiz. Eis o que...

Ele quis dizer algo, mas não pôde, e permaneceu calado.

— Fui preso e conduzido para o julgamento. Passei onze meses na cadeia, esperando o julgamento. Ali, na prisão, e durante o julgamento, quando eu não estava mais no calor da raiva, quando aquela névoa em que eu vivera se dissipou, tive tempo de refletir. E

comecei a compreender. Compreendi tudo, sim, tudo. Comecei a compreendê-lo três dias depois. Três dias depois levaram-me àquele lugar. Eu queria...

Soluçou de novo, mas conteve-se e apressou-se a continuar.

— Só quando vi o corpo dela... Só então...

Não conseguiu prosseguir. Suspirou e continuou:

— Só quando vi o corpo dela é que compreendi o que eu fizera. Compreendi que eu, eu, a matara; que, por causa de mim, ela, que fora viva, movente, quente, era agora imóvel, gelada, e que aquilo não se podia reparar de modo algum, nem em parte alguma, nunca. Aquele que não experimentou isso não pode compreendê-lo.

Capítulo XXVII

— Fui absolvido. Preparava-se o meu julgamento. Eu esperava-o com indiferença. Já não me importava o que resultasse dele, nem qual fosse o veredicto. Aquilo que era realmente essencial, o único mal, estava em mim; era eu que o carregava dentro de mim, e não havia julgamento humano que pudesse aumentá-lo ou diminuí-lo. Fui absolvido, porque, no julgamento, o caso foi apresentado como se eu tivesse agido para defender minha honra ultrajada. Fui absolvido, e, com um ar solene, quiseram reabilitar-me completamente aos olhos do mundo.

— A esposa que matei, à qual todos deviam culpar, foi coberta de opróbrio; e

eu, o assassino, fui olhado com respeito, quase com admiração. Se ao menos eles pudessem ter compreendido... Ah! Que abominação!

— Depois do julgamento, quis ver os filhos. Deixaram-me vê-los depois de muito tempo. A irmã de minha esposa os tinha tomado a seu cuidado. Quando os vi, senti que já não tinha direito algum sobre eles. Eram estranhos para mim. E vi que também eu era um estranho para eles. Meu filho mais velho, aquele que se parecia com ela, olhou-me com um olhar tão hostil, tão semelhante ao dela, que fiquei aterrorizado, e desde então não tornei a vê-los. Só o pequeno Vassíli, o meu preferido, ainda me olhava com afeto; mas mesmo esse... Não, é melhor não pensar nisso.

— Agora vou viver no campo. Minha irmã me acolheu.

Pózdnichev calou-se por um instante e disse, com voz cansada:

— Pois bem, eis toda a minha história. Sim, matei-a, e por isso estou aqui. Só depois compreendi. Só depois compreendi que ela era um ser humano, uma criatura, uma irmã. Sim. Toda a minha vida, ao longo de nove anos, vivi com ela como um animal, e nem sequer suspeitava do que ela era. Repito: os imbecis dizem que a matei por causa do violinista, por ciúme. Não é verdade. Sim, foi por causa do ciúme, mas não daquele ciúme. Meu ciúme... Como direi?... Meu ciúme nasceu de minha própria devassidão. Foi ela que me perdeu... Não,

não fui eu que a matei. Foi "aquilo" que a matou.

Capítulo XXVIII

Novo silêncio se abateu sobre nós. Depois ele recomeçou, com voz mais calma.

— Sim, quando a vi morta, tudo o que havia acontecido apresentou-se a mim de outro modo. Quando ela era viva, eu não podia olhá-la sem uma dor pungente, sem cólera. Quando a vi morta, esqueci tudo. Ela deixou de ser aquela pessoa que me atormentava. Diante de mim havia apenas um ser que eu perdera, um ser humano irreparavelmente perdido.

— Sim, é isso. Se ao menos as pessoas compreendessem o que dizem quando falam de amor. Se ao menos compreendessem o que fazem quando se casam da maneira como se casam hoje. Mas não! É preciso passar por tudo o que

eu passei, é preciso torturar-se como eu me torturei, para compreender.

— O amanhecer chegava. O trem parou numa estação. Pózdnichev ergueu-se.

— Adeus — disse-me. — Peço-lhe que me perdoe...

E, virando-me as costas, cobriu o rosto com as mãos. Depois desceu na estação, e eu fiquei só.

Não pude dormir mais. Fiquei toda a noite pensando no que ele me contara. Muito tempo depois, ao lembrar-me daquela viagem, ao reconstituir a longa e terrível confissão daquele homem, eu ainda estremecia, revendo os seus olhos, ouvindo os soluços daquele "Uh! Uh! Uh!", e o som daquela voz.

Quando amanheceu por completo, ergui-me. Ele desaparecera. Na estação

seguinte, ao abrir a portinhola do vagão para respirar o ar fresco da manhã, vi que já se afastava. Ia curvado, arrastando os passos, ao lado dos trilhos, na direção de um pequeno grupo de casas ao longe. Voltei-me para trás — ele desaparecera. E, ao pensar nele, senti uma imensa piedade, e um terror imenso do abismo que se abre diante de todos nós que vivemos como vivemos, sem saber o que fazemos.

Notas do tradutor



1. **Domostrói** — Manual doméstico russo do século XVI, atribuído ao monge Silvestre, conselheiro de Ivan, o Terrível. Codificava com minúcia a ordem da casa, o governo da família e, sobretudo, a submissão da esposa e dos filhos à autoridade absoluta do chefe do lar. Chamar alguém de "Domostrói", como faz a dama no vagão, é acusá-lo de encarnar uma mentalidade patriarcal arcaica e autoritária.
2. **raskólniki** — Os "cismáticos" ou "Velhos Crentes", grupos que se separaram da Igreja Ortodoxa russa após as reformas litúrgicas do patriarca Níkon, em meados do século XVII. Pózdnichev alude aqui a certas seitas dissidentes a quem se atribuíam, com ou sem fundamento, práticas sexuais irregulares — daí a associação, na fala dele, com o "pecado ao acaso".

3. **kvass** — Bebida fermentada tradicional russa, de teor alcoólico baixíssimo, feita geralmente de pão de centeio. Era o refresco comum do povo, símbolo aqui da dieta simples e frugal do camponês.
4. **kacha** — Papa ou mingau de trigo-sarraceno ou de outros grãos, prato básico da alimentação russa. No contraste que Pózdnichev traça, representa a comida reforçada de quem faz trabalho físico pesado, em oposição à mesa ociosa e excessiva das classes abastadas.
5. **mirlo branco** — No original, *white blackbird* (do francês *merle blanc*), expressão que designa uma raridade, algo excepcional e quase impossível de encontrar — equivalente, em português, a "joia rara" ou "coisa de outro mundo". Pózdnichev usa-a com ironia amarga a respeito de si mesmo.

6. **Barnum** — Referência a P. T. Barnum (1810–1891), o célebre empresário americano de espetáculos e curiosidades, cujo nome se tornara sinônimo de charlatanismo publicitário e de exposições de falsas maravilhas. Aqui designa, por extensão, o dono do espetáculo de feira que Pózdnichev descreve.
7. **Schopenhauer e Hartmann** — Arthur Schopenhauer (1788–1860) e Eduard von Hartmann (1842–1906), filósofos alemães do pessimismo. Ambos viam na vontade ou no instinto cego a raiz do sofrimento humano e aproximavam o ideal ético da negação da vontade de viver — daí a menção de Pózdnichev ao Nirvana e à "Não-Vida" como suposto bem supremo. Tolstói dialoga criticamente com essa corrente.

8. **"aquele que olha para uma mulher com desejo já cometeu adultério"** — Citação do Evangelho de Mateus 5,28, no Sermão da Montanha. Pózdnichev radicaliza a passagem, aplicando-a não só à mulher alheia, mas à própria esposa, para sustentar sua tese de que todo desejo sensual, mesmo no casamento, é já uma forma de degradação.
9. **"Pezinhos" de Púchkin** — Alusão a uma célebre digressão do poema *Ievguêni Oniéguin*, de Aleksandr Púchkin, na qual o narrador se detém, em tom lírico e sensual, sobre os pés femininos. Pózdnichev cita o passo como exemplo de como a alta literatura também reduz a mulher a objeto de desejo estético e sensual.

- 10. Trúba, Gratchevka** — Bairros de Moscou. A praça da Trúba (Trúbnaia) e a região de Gratchevka eram conhecidas, à época, como zonas de prostituição e vida boêmia. Pózdnichev cita esses lugares para equiparar, com deliberada crueza, a mulher "do mundo" e a mulher "vendida".
- 11. kokóchnik** — Toucado tradicional feminino russo, em forma de leque ou crista, muitas vezes ricamente ornamentado. Vestir a amade-leite com um *kokóchnik* enfeitado de fio de ouro é sinal do luxo com que a família reveste, hipocritamente, o arranjo de tirar o leite de uma camponesa pobre para o próprio filho.

- 12. Zemstvo** — Assembleias ou conselhos de administração local instituídos na Rússia pela reforma de 1864, encarregados de assuntos como estradas, escolas e saúde nas províncias. Participar do Zemstvo era uma das ocupações públicas típicas de um proprietário rural com pretensões cívicas, como Pózdnichev.
- 13. Charcot** — Jean-Martin Charcot (1825–1893), neurologista francês célebre por seus estudos sobre a histeria e pelo uso do hipnotismo em suas demonstrações no hospital da Salpêtrière, em Paris. Pózdnichev menciona-o com desdém, rejeitando a ideia de que os tormentos de sua vida conjugal fossem uma "doença nervosa" a ser tratada por médicos, e não o fruto moral de um modo de vida.

Fim da tradução da novela "A Sonata a Kreutzer".

Créditos



A Sonata a Kreutzer

Liev Tolstói (1889)

Tradução e notas: Elder Franca

Organização: Baixe Livros — 2026

Disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros. A licença gratuita concedida poderá ser alterada futuramente a critério do tradutor.

www.baixelivros.com.br

Sobre a obra

Em A Sonata a Kreutzer, Liev Tolstói mergulha nas profundezas do ciúme, do desejo e das contradições do casamento. Narrada em tom confessional e intenso, a novela acompanha um homem consumido por pensamentos obsessivos, enquanto a música e a paixão conduzem a história a um desfecho perturbador. Com escrita incisiva e atmosfera carregada, Tolstói constrói uma reflexão poderosa sobre amor, moral, posse e natureza humana. Um clássico breve e impactante da literatura russa.